



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
ESPECIALIZAÇÃO EM INTERFACE TEÓRICO-PRÁTICA PARA O  
ENSINO DE LÍNGUA E LINGUÍSTICA**

**FELIPE PEREIRA DA SILVA**

**A LEITURA EM SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL E A  
MEDIÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

**Guarabira - PB**

**2014**

**FELIPE PEREIRA DA SILVA**

**A LEITURA EM SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL E A  
MEDIÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira/Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Especialista em Ensino de Língua e Linguística.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

**Guarabira**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Felipe Pereira da

A leitura em sala de aula do ensino fundamental e a mediação pedagógica para a formação de leitores [manuscrito] : / Felipe Pereira da Silva. - 2014.

60 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em IntercaceTeórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Wanilda Lima Vidal de Lacerda, Departamento de Letras".

"Co-Orientação: Adriana Sales Barros, Departamento de ".

1. Leitura. 2. Mediação Pedagógica. 4. Língua Portuguesa - Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 469.07

FELIPE PEREIRA DA SILVA

**A LEITURA EM SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL E A  
MEDIÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista em Ensino de Língua e Linguística.

Aprovada em 29 / 4 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof<sup>a</sup> Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda (UEPB)

Orientadora

Adriana Sales Barros

Prof<sup>a</sup> Dra. Adriana Sales Barros (UEPB/IFPB)

Coorientadora  
Examinadora

Iara Ferreira de Melo Martins

Prof.<sup>a</sup> Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (UEPB)

Examinadora

*Dedico,*

*Aos meus pais, José Pereira da Silva (in memória) e Maria Luis.;*

*por todo amor, carinho e confiança*

*em mim depositados.*

*A minha estimada avó Maria das Dores*

*(in memória), pelo amor e dedicação.*

*A eles, DEDICO esta grande vitória.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço, sobretudo a Deus, o autor e criador de tudo, pela força que me deu nas horas mais difíceis. Obrigado Senhor!*

*A minha família, em especial meus pais José Pereira da Silva (in memoriam) e minha mãe Maria Luis pelo zelo e dedicação para com meus estudos.*

*A minha inesquecível avó Maria das Dores (in memoriam) que tanto sonhou com esse momento. Agradeço vovó e também lhe dedico este título como prova do meu carinho e gratidão.*

*À minha irmã Tatiane, meus sobrinhos Rhayssa, Rhaylsson, Rhyan e Rhayanne.*

*Às professoras Wanilda e Adriana por acreditarem nesse trabalho e pela paciência para comigo.*

*A todos os professores que fizeram parte de minha formação na Especialização João Paulo Fernandes, Rosângela Neres, Francineide Melo, Edilma Catanduba, Juarez Nogueira, Luana Farias, Luana Lima, Luiz Henrique, Fátima Aquino, e Marta, pela contribuição e por seu exemplo de dedicação e amor ao magistério.*

*Aos amigos Andréa Marques, Raquel Lima, Liliane, Danielle, Wellington Tiago, Jefferson, Ezequiel, Wanessa, Alcione, Débora, Walker, Gerlane pelos momentos vividos juntos e pela aprendizagem construída.*

*A Aryane, Cleide Marques, Azenaite, Cláudia Ribeiro, M<sup>a</sup> da Paz, Sylvia Avelino, Michelinne Paulino (Sec. de Ed. em Cuitegi), Edy Soares, Cida Almeida, M.<sup>a</sup> José Batista de Lucena (Sec. de Ed. em Mulungu), Olavo Barreto (grande amigo, conselheiro pelo apoio e sugestões) Graça Camilo, ao Pe. Heriberto Gomes (por todas as orientações espirituais), Léo Soares, Edilene, Gilvanete, Josinalva Silva, Joanhina (ex-diretora), Crislani e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com a concretização desse sonho.*

*ESCOLAS que são GAIOLAS existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre tem um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.*

*ESCOLAS que são ASAS não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.*

*Rubem Alves*

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as atividades de leitura, mais especificamente, trata da mediação pedagógica do professor no processo de formação de leitores no Ensino Fundamental. A teoria que alicerça esta pesquisa considera a leitura como fonte de aprendizagem, que conduz à obtenção de conhecimento prévio por parte do leitor fundamentada nas teorias de Kleiman (2007), Koch (2002 e 2007), Lajolo (2002), Geraldi (2002), Solé (1998) dentre outros estudiosos da temática. Tratamos ainda da mediação pedagógica, seus conceitos e contribuições no trabalho com a leitura e na formação de leitores com base em Masetto (2000), Maheu (2001), Fontana (2000) e Garcia (2004) que trouxeram da teoria de Vigotsky (1991) a contribuição da psicologia para a sala de aula, bem como, do processo de formação de leitores na escola baseados nos estudos de Menegassi (1995), Maia (2007), Lois (2010), Rossini (2002), Pennac (1993), Junqueira (2009) Zilberman e Silva (2005). A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica e revisão da fortuna crítica sobre o tema. Com base nas teorias analisados, verificamos que, apesar de nossa pesquisa não ter sido realizada na prática, os dados e resultados nela obtidos e apresentados são significativos para comprovar que a leitura é uma forte aliada no processo de desenvolvimento de habilidades cognitivas, além de contribuinte do processo de inserção social do indivíduo e que a mediação pedagógica do professor no trabalho com a leitura é fator essencial para a formação de leitores autônomos e proficientes.

**Palavras-chave:** Leitura; Professor; Escola; Mediação Pedagógica; Ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

The present work proposes a reflection on reading activities, more specifically, it is the pedagogical mediation of the teacher in the process of formation of readers in Elementary School. The theory underpinning this research considers the reading as a source of learning, which leads to obtaining prior knowledge on the part of the player based on theories of Kleiman (2007), Koch (2002 and 2007), Lajolo (2002), Geraldi (2002), Travaglia (2005), Sole (1998) among other scholars of the theme. We are still of the pedagogical mediation, its concepts and contributions at work with the reading and the formation of readers based on Masetto (2001), Maheu (2001), Fontana (2000) and Garcia (2004) that brought the theory of Vygotsky's (1991) the contribution of psychology to the classroom, as well as, the process of formation of readers in the school based on the studies of Menegassi (1995), Maia (2007), Lois (2010), Rossini (2002), Pennac (1993), Souza (2004 and 2009) Zilberman and Silva (2005). The methodology applied was the bibliographic research and review of critical fortune on the issue. On the basis of the theories analyzed, we found that, in spite of our research has not been carried out in practice, the data and results it obtained and presented are significant to prove that the reading is a strong ally in the process of development of cognitive abilities, in addition to sponsoring the process of social insertion of the individual and that the pedagogical mediation by the teacher in working with the reading is an essential factor for the formation of autonomous readers and proficient.

**Keywords:** Reading; Teacher; School; Pedagogical Mediation; Teaching of Portuguese Language.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
-------------------------	----

### I CAPÍTULO

<b>LEITURA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIA E REVENDO CONCEITOS</b> .....	11
-----------------------------------------------------------------	----

1.1 Uma breve viagem pela história da leitura .....	11
1.2 Traçando conceitos.....	14
1.3 A leitura numa perspectiva sociointeracionista .....	19

### II CAPÍTULO

<b>MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E LEITURA EM SALA DE AULA</b> .....	22
------------------------------------------------------------	----

2.1 Mediação Pedagógica: conceituação .....	23
2.2 Mediação Pedagógica na escola.....	28
2.3 A Mediação pedagógica nas aulas de leitura.....	30

### III CAPÍTULO

<b>FORMANDO LEITORES NA ESCOLA: Pressupostos teóricos e orientações...</b>	35
----------------------------------------------------------------------------	----

3.1 Traçando estratégias para a formação de leitores.....	39
3.2 Sugestões de estratégias e atividades com a leitura em sala de aula.....	42
3.2.1 Sala de leitura .....	42
3.2.2 Roda de leitura.....	44
3.2.3 Hora do conto.....	46
3.2.4 Café literário.....	47
3.2.5 Sarau.....	48
3.2.6 Leitura e cinema.....	49
3.2.7 Clube de leitura.....	51
3.2.7 Sequência didática.....	52

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
-----------------------------------	----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58
--------------------------	----

## INTRODUÇÃO

As pesquisas atuais acerca do ensino e aprendizagem da leitura afirmam que a escola deve viabilizar o acesso do aluno ao mundo dos textos que circulam na sociedade e ensinar a manejá-los com eficácia, já a partir das séries iniciais (PCNs, 1998). A divulgação de tais pesquisas tem levado à reflexão o professor de Língua Portuguesa que busca, assim, incrementar a nova prática nas suas aulas.

Há décadas o ensino de Língua Portuguesa tem sido o centro de discussões de especialistas da área, com o intuito de oferecer uma melhor qualidade (e conseqüentemente melhores resultados) de ensino no Brasil. Altos índices de fracasso escolar têm sido apontados como consequência da deficiência na leitura de alunos do Ensino Fundamental. Professores, sobretudo os de língua Portuguesa, queixam-se: meus alunos “não leem”, “não gostam de ler” e quando o fazem é por obrigação e de maneira fragmentada; não conseguem identificar informações num texto por menor que este seja (PCNs, 1998).

A questão é realmente preocupante, uma vez que, segundo dados do Ministério da Educação – MEC - o ensino de Língua Portuguesa não tem suprido as necessidades impostas pela sociedade, ou não tem sido suficiente para formar cidadãos com competência e autonomia de leitura.

Na atual sociedade, dominar o hábito de leitura torna-se requisito essencial para a sobrevivência e a inserção na sociedade e no mercado de trabalho, conforme afirmam os PCN`s (1998) que apontam a deficiência de leitura como uma das maiores causas dos altos índices de fracasso e evasão escolar. Inúmeros jovens, egressos do Ensino Fundamental, ingressam no Ensino Médio e dele saem sem saber ler, compreender textos, construir uma opinião crítica, argumentar e defender uma ideia. Muitos ao se depararem com as exigências do mercado de trabalho sentem-se impotentes e acabam por serem excluídos, sem oportunidades de atuação. O que começa no Ensino Fundamental, período em que os alunos deveriam aprender estratégias de leitura e compreensão de textos tornando-se leitores autônomos e competentes, quando na prática não é o que constatamos.

Nossa proposta de pesquisa partiu da perspectiva de verificar dois pontos importantes a serem observados no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, em particular da leitura, a mediação pedagógica desenvolvida pelo

professor na sala de aula e a contribuição dessa mediação para a formação do hábito de leitura nos alunos no Ensino Fundamental.

Para sua realização, realizamos uma pesquisa bibliográfica que foi fundamental para conhecermos com mais profundidade o tema a ser pesquisado.

Temos como objetivo geral compreender criticamente como a mediação pedagógica dos professores de Língua Portuguesa, por meio do ensino da Leitura, pode contribuir para a formação de alunos leitores no Ensino Fundamental.

E como objetivos específicos: Investigar a postura do professor, enquanto leitor, e sua influência para a formação de alunos leitores; Discutir as concepções de leitura presentes nas práticas de professores de Língua Portuguesa; Analisar a relação ensino/leitura nas aulas de Língua Portuguesa e sua contribuição para a formação de leitores; Apresentar maneiras de trabalhar a leitura em sala de aula de modo mais prazeroso e visando a formação de leitores autônomos e proficientes.

Nosso interesse pela pesquisa partiu, portanto, dessa problemática: é possível um professor que não goste de ler, que não se interesse pela leitura ou não sinta prazer em exercê-la, possa formar em seus alunos o gosto pela mesma? A relação do professor com a leitura (a Literatura) que trabalha influencia no desenvolvimento de seu trabalho?

Tendo como pressuposto que o professor que é leitor tem mais possibilidade de formar em seus alunos o gosto pela leitura.

Podemos ressaltar a importância dessa pesquisa por buscar compreender que a leitura, em sua prática, desperta o interesse e a atenção dos alunos desenvolvendo, nos mesmos, entre outras coisas a imaginação, a criatividade e a expressão das ideias, além do prazer pela mesma. Também oportuniza situações nas quais, os alunos podem interagir com seu próprio processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento na leitura. Vale ressaltar ainda que nossa pesquisa pode levar à reflexão e análise, por parte dos professores, de suas práticas de ensino colaborando com a melhoria da qualidade do ensino, despertando seus interesses pelo tema.

Este trabalho é, portanto, fruto de uma pesquisa e da nossa experiência, enquanto professor em sala de aula. E esta dividido em capítulos conforme apresentamos a seguir.

No primeiro capítulo “Leitura: Traçando uma história e revendo conceitos” apresentamos uma breve reflexão acerca da história da leitura com base nos

estudos de Fisher (2006) e Manguel (1997) que nos narram a história dessa prática no decorrer da existência da humanidade até os dias atuais. Ainda nesta sessão, traçamos alguns conceitos de leitura, confrontando-os de acordo com a visão de diferentes autores, tais como Lajolo (2002), Kleiman (2004 e 2007) e Koch (2006 e 2007) que consideram a leitura um processo de construção de sentidos. Cagliari (2009) que assume a importância da leitura para a aprendizagem e construção do conhecimento e Solé (1998) que defende o aspecto interativo da leitura. Sempre guiados pelas orientações dos PCN`s (1998).

No segundo capítulo: “Mediação Pedagógica e Leitura em sala de aula” apresentamos os recentes estudos sobre a mediação pedagógica cujos estudos partem da teoria sobre o desenvolvimento e aprendizagem humanos de Vigostsky (1999) e no Brasil refletiram nos estudos de Freire (2006) que nos apresenta o caráter interativo do processo ensino e aprendizagem. Para tanto, apresentamos o conceito de mediação pedagógica proposto por Masetto (2001) desde sua origem e até os dias atuais, conforme estudos de Maheu (2001) e Garcia (2004), bem como Libâneo (2010). Ainda nesta sessão, destacamos a mediação pedagógica nas aulas de leitura e sua importância desde o processo de aquisição da linguagem, baseado nos estudos de Vigostsky (1999) Geraldi (2002) e Travaglia (2005) e Menegassi (1995).

No terceiro capítulo: “Formando Leitores na Escola: pressupostos e orientações” discorremos sobre o processo de formação de leitores na escola e apresentamos algumas estratégias que podem contribuir para essa formação, bem como a descrição das mesmas e os objetivos que se pretende alcançar com sua aplicação a partir das teorias estudadas na composição do trabalho e também na nossa experiência enquanto professor, leitor e formador de leitores.

Por fim, tecemos as considerações finais, em que apresentamos nossas conclusões após o estudo e a revisão bibliográfica da teoria analisada.

Esperamos, com nosso trabalho, contribuir com a reflexão da prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental e despertar seu interesse pela pesquisa acerca da mediação pedagógica e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem no que concerne a prática de formação de leitores.

## CAPÍTULO I

### 1 LEITURA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIA E REVENDO CONCEITOS

#### 1.1 Uma Breve Viagem pela História da Leitura

A leitura do mundo precede a leitura da palavra (...)  
Paulo Freire, 1996

Leitura e escrita são diferentes, mas suas histórias caminham juntas, atreladas, uma dependendo da outra. E como afirma Paulo Freire, a leitura antecede a escrita, uma vez que antes de escrever lemos o mundo a nossa volta e dele extraímos as ideias que iremos registrar no papel.

Em diversos povos e em diferentes momentos da História da humanidade, o ato de ler teve uma conotação. A leitura sempre fez parte da cultura dos povos, no entanto, cada um adotou uma forma diferente de manifestá-la ou praticá-la. E, de certa forma, significou algo diferente para cada um deles. Enquanto para um povo a leitura era considerada um ato de lazer, para outro representava a propagação de sua história e manutenção de tradições; para outros, uma forma de movimentar a economia e, em particular, para os egípcios, *“ler significava “declamar”. Durante a maior parte da história da escrita, ler denotava falar”* (FISCHER, 2006. p. 9).

Ainda de acordo com Fischer (2006), nos primórdios da invenção da escrita, a leitura foi definida como a capacidade de obter informações com base num sistema codificado, depois a ela foi acrescentada a ideia de compreensão e extração do significado. Com o passar do tempo e com a invenção da imprensa, passou a ser definida como a compreensão de um texto impresso. Com o advento da tecnologia, ganhou outros aportes e suportes e passou a ser considerada a noção de leitura eletrônica, o que nos leva a entender que, no início ela (a leitura) consistia, simplesmente, em decifrar e expor em voz alta as informações registradas por meio de um sistema codificado era uma decifração do “escrito”. Talvez tenha surgido daí o conceito tradicional de leitura (decifração do código escrito).

Em seus estudos sobre a história da leitura, Fisher (2006) aponta a coexistência de duas teorias, a seu ver, conflitantes, mas que no fundo se completam. A primeira teoria considera a leitura um **processo linguístico** ancorado

em um processo linear fonológico, baseado no sistema sonoro de um idioma. Segundo essa teoria, a leitura se daria letra a letra a partir da combinação de elementos da linguagem.

A segunda teoria considera a leitura um **processo semântico-visual**. Dessa forma, os sinais gráficos formam um significado sem necessitar de serem desmembrados ou decifrados individualmente. Segundo o autor, as duas teorias se completam, uma vez que “cada uma opera em um nível diferente da capacidade e/ou da atividade de leitura. Em outras palavras, a leitura elementar é, de fato, um processo linear fonológico, ao passo que a leitura fluente é um processo semântico-visual” (FISCHER, 2006 p. 12).

Houve ainda, quem defendesse uma teoria a que Fisher (2006) denominou “**imaginação auditiva**”, em que o leitor imaginava o discurso a partir da observação dos símbolos pictóricos da escrita cuneiforme, ao invés de buscar sua exata decifração. No entanto, essa teoria desafia, segundo o autor, as provas laboratoriais e os estudos referentes à história e a evolução da escrita.

Em suma, o que podemos afirmar é que sempre coexistiram dois tipos diferentes de leitura: a leitura literal ou mediata relacionada ao aprendizado da mesma, a decifração letra por letra e a combinação dos sons para a formação de um sentido/significado; e a leitura visual ou imediata, relacionada à fluência adquirida pelo leitor após suas experiências leitoras em que não precisaria mais decifrar letra a letra para obter o significado (FISCHER, 2006).

Na Antiguidade, o ato de ler não era extensivo a todos, apenas a uma pequena parcela da sociedade era permitido esse “privilégio”, os mais ricos, por exemplo, pois eram poucos os materiais impressos disponíveis, e, era a escola, o único local em que as pessoas tinham acesso à leitura (MANGUEL, 1997; FISHER, 2006).

Durante muito tempo leitura e oralidade caminharam juntas. Ela surgia da necessidade de dar a conhecer ao povo uma tradição, um acontecimento, uma transação comercial etc. No princípio era praticada em saraus, botecos, como meio de propagação de uma obra poética ou do pensamento de intelectuais. E continuava restrita a poucos privilegiados, na sua maioria, a parcela mais rica da sociedade.

Coube à religião, especificamente aos mosteiros, a iniciação e a difusão da prática de leitura silenciosa (FISHER, 2006).

Por muito tempo, a leitura esteve atrelada à religião, uma vez que esta exerceu ao longo da história um papel de destaque na alfabetização dos povos. Padres e monges figuram na história da leitura como os primeiros leitores da sociedade, sucedidos posteriormente, por intelectuais eruditos, representantes da elite e, apenas muito tempo depois, a leitura chegou às classes populares. Estando, dessa forma, a história da leitura ligada à história da expansão e difusão das religiões (MANGUEL, 1997).

Até o século V, a leitura permaneceu essencialmente passiva, uma vez que, estava restrita, na maioria das vezes, ao comércio, ao registro de documentos jurídicos e uma quantidade limitada de textos literários que circulavam na sociedade. Mas o que vigorava mesmo era a tradição oral, transmitida de pai para filho, de uma geração mais velha a uma mais nova. Porém, com a difusão da escrita alfabética no Egito e em algumas outras sociedades “letradas” da época a leitura transcendeu os monopólios existentes e se expandiu (MANGUEL, 1997).

Segundo Fischer (2006 p. 39), *a sede de conhecimento da humanidade e o amor pela aprendizagem eram a centelha da leitura principiante*. Para o referido autor, a sede e busca por saber mais do ser humano impulsionaram sua paixão pela leitura. E, foi junto a essa sede de aprender e buscar saber cada vez mais que a leitura se expandiu e atingiu todos os cantos do mundo.

Quando surgiu no mundo da leitura um novo gênero literário, o romance, este trouxe consigo uma nova forma de ler associada ao entretenimento e ao lazer das pessoas (MANGUEL, 1997; FISCHER, 2006), embora esse tipo de leitura fosse considerado uma transgressão à antiga prática, ganhou espaço entre os leitores a leitura do imaginário. Os textos de ficção (romances, tragédias, epopeias, peças teatrais) foram ganhando forma e espaço, e a vida passou a ser representada por meio da literatura. Esse tipo de leitura permitia uma fuga à realidade, estabelecia uma interação entre o leitor e os textos.

Com o advento da era tecnológica, vieram à tona os textos de divulgação científica. Estes tinham como objetivo primordial difundir os conhecimentos e

expandi-los a todos (FISCHER, 2006). E a leitura passou a ser considerada um meio de aprendizagem, sendo a escola, por muito tempo, difusora dessa prática.

Verificamos assim que a leitura sempre esteve presente na história da humanidade, desde seus primórdios, seja esta praticada como meio de prazer, entretenimento, lazer ou para o aprendizado, por obrigação, na busca de conhecimento ou informações. Atualmente, percebemos que ela se faz mais que necessária, uma vez que todas as interações sociais giram em torno de uma língua “escrita” que por sua vez precisa ser lida, interpretada, compreendida.

Em plena era digital, inúmeras são as formas e possibilidades de leitura: jornais, folhetos, panfletos, livros, folders, outdoors, e-mails, e-books. Por todos os lados temos algo para ler, de tal modo que nos indagamos: Mas, afinal, o que significa leitura atualmente?

## **1.2 Traçando conceitos**

Sempre que falamos em leitura a primeira coisa que vem à nossa mente é a leitura de livros, jornais, revistas, panfletos ou qualquer outro material impresso ou presente na rede virtual como blogs, sites, e-mails etc., isso porque estamos presos ao conceito de leitura enquanto decodificação/decifração de códigos e sinais gráficos (MARTINS, 2007). Isso, também, porque estamos inseridos numa sociedade que exige cada dia mais o uso e aquisição de competências leitoras para a sobrevivência e permanência na mesma. Não saber “LER”, na conjuntura atual, significa estar desatualizado e atrasado.

Na sociedade “grafocêntrica” em que vivemos a leitura é uma ferramenta para que o homem sobreviva em meio a toda modernidade, uma vez que ela lhe permite adquirir conhecimento e se destacar entre os demais. A leitura nos permite o acesso às novas ideias e a aquisição de novos conhecimentos essenciais ao desenvolvimento.

Etimologicamente, “LER” deriva do latim “**lego/legere**” que significa: apanhar, recolher, escolher, captar com os olhos (LUIS, 2009 p. 93). Tal ideia nos remete a um conceito de leitura como decodificação da palavra escrita. Seria a leitura, tão somente o ato de decifrar códigos linguísticos? Evidentemente, não. O ato de ler vai muito além da pura decodificação de sinais gráficos e envolve inúmeras habilidades.

A este ato, acrescentamos muito de nós mesmos e das nossas experiências, como afirma Lajolo (2002, p. 54):

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

O conceito proposto por Lajolo (2002) evidencia que ler não é um jogo de adivinhação e decifração dos significados de códigos escritos, mas uma atividade de produção de sentidos e de busca por parte do leitor, conforme proposições de Koch (2007) e Kleiman (2007).

Para Koch (2007), o conceito de leitura depende da concepção de sujeito, língua, texto e de sentido que se adota. E dessa forma, a autora defende três concepções para a mesma: a) Leitura como atividade de captação de ideias; b) Leitura como atividade que exige do leitor o foco no texto, reconhecendo suas estruturas e c) Leitura como atividade interativa e de produção de sentidos. Cada uma desses conceitos depende da concepção adotada. Assim:

a) **A leitura como atividade de captação de ideias** depende de uma concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como ser psicológico e dono de suas vontades e ações. O texto é considerado um produto do pensamento. Nesta concepção o foco está centrado, portanto no autor (KOCH, 2006 p. 9-10).

b) **A leitura considerada como atividade que exige do leitor o foco no texto e reconhecimento de suas estruturas** está relacionada à concepção de língua enquanto código e instrumento de comunicação, o sujeito é pré-determinado, não tem vontade própria, é um produto da língua. O texto é produto da codificação de um emissor destinado a ser decodificado pelo leitor/receptor/ouvinte. A este cabe apenas o conhecimento do código linguístico utilizado (KOCH, 2006 p. 10).

c) **A leitura como atividade interativa e de produção de sentidos** está fundamentada na concepção interacional/dialógica da língua. Nesta concepção, os sujeitos são vistos como atores ativos que se constroem e são construídos a partir de seu diálogo com o texto. Este, por sua vez, é considerado o lugar de interação, o ponto de encontro entre leitor e autor. O sentido é construído na interação texto-

sujeitos, na dialogicidade. Daí considerar-se a leitura como “atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2006 p. 11), pois o sentido, a compreensão é construída no diálogo do leitor com o objeto lido.

Os PCNs (1998) para o ensino de Língua Portuguesa nos apresentam uma série de orientações a respeito de como deve ser conduzido o ensino de língua materna e, a respeito do conceito de leitura, o mesmo documento afirma que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (PCNs, 1998 p. 69-70).

Em outras palavras, a orientação dada pelos PCN`s (1998) é de que o trabalho com a leitura deve ter o objetivo de formar leitores autônomos, que sejam capazes de ir além da decodificação dos sinais gráficos do código escrito. O ato de ler é uma busca constante pelo significado do texto escrito. É nas impressões formadas a partir da leitura que se encontra a compreensão.

Vemos na orientação dada pelos parâmetros um diálogo com o conceito de leitura proposto por Koch (2006) como atividade de interação e diálogo do leitor com o texto na construção de sentidos. O referencial do MEC não é uma fórmula, modelo pronto ou receita a ser seguida pelo professor, mas uma diretriz que serve para nortear seu trabalho, a partir do qual as atividades com leitura devem ser planejadas.

Por tradição, o ato de ler, está relacionado à escrita e o leitor à decodificação das letras (MARTINS, 2007 p. 7), Conforme afirma Cagliari (2009 p. 131) “A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido” é no ato de leitura que a escrita ganha sentido, uma vez que esta a antecede. O mesmo Cagliari diz:

É uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem a mesma leitura de um texto, mesmo científico. Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão (CAGLIARI, 2009 p. 131).

Pode-se afirmar que a leitura é uma atividade cognitiva, pois através dela adquirimos conhecimento. Mas, o ato de ler não está restrito apenas a decodificação de sinais da escrita. A leitura acontece quando faz sentido para o leitor, quando este chega a compreensão do que leu. Para tanto, acrescentamos a capacidade de decifrar os códigos linguísticos as nossas experiências individuais, nossas vivências adquiridas nas relações sociais do dia a dia, conforme o que afirma Freire (2002 p. 11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele”.

Daí só lermos o que nos interessa e o que nos atrai, pois a este ato está relacionado o conhecimento que já possuímos sobre determinado assunto tratado no texto. A leitura é um ato de descoberta e de busca de sentidos. Está ligada a nossa vida e tudo que nos cerca. Para Manguel (1997) seu aprendizado pode ser considerado a aquisição de um novo sentido para a vida.

Ler é um ato que exige do leitor esforço e aquisição de competências e habilidades que facilitam esse processo.

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender as suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre os textos e outros textos já lidos. (PCN's 1998, p.70).

Os Parâmetros Curriculares tem exigido a formação de leitores competentes na escola. O ato de ler exige muito mais do individuo do que a mera habilidade de codificar/decodificar a escrita. O leitor competente não é aquele que compreende o que está explícito no texto, mas busca também o implícito, presente nas entrelinhas e que não foi dito. Portanto, é um sujeito que sente prazer em ler e nas descobertas que faz com a leitura, pois quando lê se conscientiza e se torna parte da história, do mundo que a ele se apresenta na leitura e de si próprio. Dessa forma, se torna capaz de questionar seus valores e posturas e, assim, construir uma identidade.

Mas, ao leitor não basta apenas ser competente, ele precisa ser também crítico, precisa desenvolver habilidades que lhe proponham o discernimento sobre aquilo que está lendo. Para, assim, construir seu conhecimento a partir dos

questionamentos e da reflexão proporcionadas com a leitura. o leitor crítico e competente é, portanto, aquele que não se contenta com o que está lendo mas, vai além do exposto no texto. Não considera o “lido” como verdade absoluta. Se posiciona crítica e comparativamente, de forma a tirar suas próprias conclusões de acordo com o que leu ou contrário a ele (LAJOLO, 2002; BENCINI, 2003).

Ler vai muito além da decifração dos códigos e sinais gráficos e exige o domínio de outras habilidades e capacidades além desta. Para Kleiman (2007 p. 49), a leitura é “um ato individual de construção de significados num contexto que se configura mediante um processo de interação entre o autor e leitor” que ocorre na interação com o texto. O texto é o ponto de encontro entre o autor (que o escreveu) e o leitor (receptor da mensagem). É, portanto, uma atividade individual, pois ocorre no íntimo do leitor, mas, ao mesmo tempo, coletiva, uma vez que há essa interação.

Solé (1998) também considera a leitura um processo no qual há uma interação entre o leitor e o texto, na busca de informações que irão responder as indagações que norteiam sua leitura. Em outras palavras, a autora defende que toda leitura é norteada, guiada por um objetivo. Neste sentido, o leitor para Solé é um ser ativo e construtor de sentido e significado. Isso não significa afirmar que o texto é desprovido de sentido sem a presença do leitor, mas que “o significado que o escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos” (SOLÉ, 1998 p. 22). Assim, podemos afirmar que para esta autora ler é compreender, encontrar e criar o sentido do objeto lido num processo interativo e dialógico entre leitor e texto.

Ler não é uma tarefa fácil e, conforme afirma Bortoni-Ricardo (2012 p. 1) “a compreensão leitora é, na escola brasileira contemporânea, o componente didático que apresenta mais deficiências”. Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos alunos quando o assunto é a leitura de um texto e, também, por professores quando propõem essa atividade. Essas dificuldades muitas vezes esbarram na concepção de leitura abordada pelo professor como veremos no próximo ponto.

### **1.3 A Leitura numa perspectiva sociointeracionista**

Inúmeros estudiosos e pesquisadores das áreas da Linguística e da Pedagogia insistem na necessidade de mudanças no ensino de língua nas nossas escolas, segundo os mesmos, esse ensino deve ser voltado para as necessidades sociais dos alunos, isto é, a escola deve ensinar os seus alunos a fazerem uso da língua dos diversos contextos em que estão inseridos e não apenas a conhecer regras gramaticais e decodificar códigos e signos linguísticos (SOARES, 2006).

O sociointeracionismo surge da ênfase no social. Os estudos de Vygotsky sobre o aprendizado decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. Para Vygotsky, a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Para ele o que interessa é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, a chamada experiência pessoalmente significativa. Outro conceito-chave da teoria de Vygotsky é a mediação. Segundo a teoria vygotskiana, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem – que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito.

Essa perspectiva é herdada também da concepção dialógica proposta por Bakhtin/Volochinov (2004) que contribuiu para as inúmeras mudanças que tem ocorrido atualmente no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente no trabalho com a leitura em sala de aula. O referido autor coloca em evidência o comportamento dos interlocutores na interação. É o que se chama de perspectiva dialógica.

Numa perspectiva dialógica, o locutor constrói seu enunciado em função do interlocutor, que exerce um papel ativo e constitutivo na formulação dos enunciados. É o outro (o interlocutor) quem condiciona o que o locutor diz e, desse modo, ambos são colocados num mesmo plano (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004). O que nos leva a compreender a leitura como forma de descoberta do mundo, advinda da imaginação e experiências pessoais do leitor.

Numa perspectiva sociointeracionista a leitura é, portanto, um processo perceptivo e cognitivo que se utiliza da interação entre leitor e autor tendo o texto como veículo promotor dessa interação. É um processo de construção por parte do leitor que busca um sentido para o que lê, conforme,

O leitor é termômetro limite e ritmo para o livro. Ele é quem determina as direções da leitura. Escolhe. Pretere. Prefere. Um mesmo livro descortina leitores diferentes. Um texto magnífico aos olhos de alguns, se apresenta abominável para outros. Os leitores são tantos quantos são os sujeitos e, para cada um, as razões para se envolver, ou não, numa leitura possuem raízes na intimidade de seus desejos (LOIS, 2010 p. 53).

É o leitor quem determina os rumos da leitura numa perspectiva sociointeracionista. É ele quem dita as regras e quem constrói o sentido no processo de interação com o autor mediado pelo texto. Ao professor cabe direcionar esse processo fornecendo subsídios necessários, buscando levar os alunos a encontrarem esse caminho. Os PCN's (1998) adotam e defendem essa perspectiva de trabalho com a leitura.

Como vimos, no sociointeracionismo, a leitura é um processo ativo de construção de sentidos, de maneira que o leitor deixa de ser apenas um recipiente de informações que estão contidas no texto e passa a ser um “coautor” da produção que está lendo. Essa concepção de leitura também defende que a compreensão do texto depende do propósito do leitor ao ler. Assim, considera-se o motivo que leva o indivíduo a ler um texto. Lê-se por necessidade ou por interesse em algo. Dessa forma, a leitura é para GERALDI, 2002, p. 80-81:

(...) como um processo de interlocução entre autor/leitor mediado pelo texto.  
(...) diante de qualquer texto, qualquer uma das relações de interlocução com o texto/autor é possível, isto porque mais do que o texto definir suas leituras possíveis, são os múltiplos tipos de relações que com eles nós, leitores, mantivemos e mantemos que o definem;

E nesse processo de interação e interlocução acontece a leitura, a compreensão do que foi lido. O texto é, assim, o plano de fundo do encontro entre o leitor e o autor e o cenário em que as informações são confrontadas. A partir da intenção do leitor ao se aproximar do texto e do grau de dificuldades do mesmo é que o professor poderá apresentar estratégias compensatórias a essas dificuldades. O professor que adota essa concepção de leitura e em seu trabalho em sala de aula deve perceber seu aluno como um ser dotado de conhecimento e capaz de dialogar com o autor e negociar com este os significados do texto.

Segundo os PCN's (1998) trabalhar dessa forma desenvolve no aluno maior proficiência em suas práticas de oralidade, leitura e escrita e favorece a ampliação dos conhecimentos linguísticos. O que nos leva a entender que trabalhar a leitura numa perspectiva sociointeracionista possibilita um maior aproveitamento do

trabalho pedagógico e teremos como resultado uma aprendizagem significativa e eficaz, uma vez que um dos principais objetivos do ensino de Língua Portuguesa é a formação de um leitor proficiente e crítico.

Cabe á escola e ao professor se adequarem a essa nova realidade e ás novas exigências para a formação de leitores e assim refletir sobre sua prática e adequá-la a necessidade de seus alunos.

Pais e professores preocupam-se muito com a questão da formação do leitor. [...]. Os primeiros movimentos em relação à leitura são dados pela curiosidade – essa, sim, natural da condição exploradora do homem – e pela afetividade, que está em jogo nas primeiras histórias que são apresentadas à criança. Se isso, lá adiante, se mantiver, dependerá de outros fatores – absolutamente pessoais (LOIS, 2010 p. 60).

O professor precisa adequar sua prática de forma que instigue essa criatividade e que desperte no aluno o gosto e desejo pela leitura. a mediação pedagógica do professor exerce papel fundamental nesse processo. Deve-se ressaltar, ainda, que o professor precisa está consciente da importância de se ter uma prática de leitura que prepare leitores capazes de não apenas participares da sociedades, mas capazes de transformá-la. No próximo capítulo nos dedicamos a apresentar a questão da mediação pedagógica, seu conceito e contribuição na formação de leitores.

## CAPÍTULO II

### 2 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E LEITURA EM SALA DE AULA

São recentes os estudos sobre a mediação pedagógica e estes vêm ganhando espaço e notoriedade entre os estudiosos da linguagem e da educação que buscam melhor qualidade no ensino de Língua Portuguesa e um aprendizado eficaz.

Os estudos sobre a mediação pedagógica são baseados na teoria histórico-cultural de Vigotsky (1999) que enfatiza o ensino como promotor do desenvolvimento humano. Ele afirma:

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem em cena duas vezes: primeiro no nível social, e, depois, no nível individual: primeiro entre pessoas, (como uma categoria interpsicológica) e, depois, no interior da criança (como categoria intrapsicológica) (VIGOTSKY, 1999 p. 94)

A partir dessa afirmativa podemos compreender que o desenvolvimento da criança ocorre em dois planos: o plano social (Inter psíquico) e o plano psicológico (intrapsíquico) e tal desenvolvimento depende quase que exclusivamente das interações sociais a quem são submetidas.

No Brasil, os estudos relacionados à mediação pedagógica partem das ideias de Paulo Freire, defensor de uma postura dialógica, aberta, indagadora, curiosa e não apassivadora na relação professor e aluno, pois para ele, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2006 p. 136). Tal postura é conquistada a partir da mediação exercida no processo de ensino e aprendizagem por meio da interação professor aluno.

Para Vigotsky (1999 e 2003) e Freire (2006), o caráter interativo e cultural da aprendizagem humana permite ver o sujeito da aprendizagem enquanto um ser em desenvolvimento e dotado de uma potencialidade. Isto porque para os referidos autores o ensino é construído na interação entre indivíduos, por exemplo, adulto/criança.

Dessa forma, em seu trabalho como mediador, o professor precisa ter clareza quanto aos objetivos que pretende alcançar com a interação desenvolvida em sala de aula, como também quanto aos mecanismos cognitivos implícitos nessa interação.

O ser docente envolve o desafio de contribuir com a formação de cidadãos. Numa sociedade competitiva e complexa como a que vivemos faz-se extremamente necessário o resgate de valores tão importantes e condizentes com a atualidade. Esse desafio leva o professor a compreender que lhe compete uma nova missão: a de estimular a aprendizagem, ajudar os alunos a se organizarem, educar através do ensino, entre outros. (FREIRE, 2006; FONTANA 2000). Isto se torna possível pelo processo de mediação pedagógica, na interação e troca de experiências com seus alunos.

Por meio da interação, o aluno se sentirá estimulado a buscar e querer entender o que é importante para sua aprendizagem, sentindo a necessidade de querer aprender a aprender (Freire, 1996). A partir de agora, nos dedicaremos ao conceito de mediação pedagógica e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem.

## **2.1 Mediação Pedagógica: conceituação**

Entende-se como mediação pedagógica, em geral, o relacionamento professor-aluno na busca da aprendizagem como processo de construção de conhecimento (FREIRE, 2006), a partir da reflexão crítica das experiências e do processo de trabalho.

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento, do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem não uma ponte estática, mas uma ponte 'rolante', que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. É a forma de apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela. (MASETTO, 2001, p.144)

Masetto (2001) evidencia a importância da interação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. É esta relação que vai direcionar a

aprendizagem do aluno e torná-la eficaz. Compreende-se, então, que a mediação pedagógica é o mesmo que a interação entre os sujeitos do processo de ensino.

Seu conceito surge a partir da Pedagogia Progressista Libertadora, representada no Brasil, pelo educador Paulo Freire. Esta tendência pedagógica defende uma nova relação professor-aluno e prima pela formação de cidadãos participativos e preocupados com a transformação e o aperfeiçoamento da sociedade. Professor e aluno são sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. O princípio da relação professor/aluno é o diálogo que é base de todo o processo de aprendizagem.

Sobre a origem e significado da palavra mediação Garcia (2004 p. 25) afirma que

o vocábulo entrou para o dicionário de língua portuguesa em 1670, sendo entendido como o ato ou efeito de mediar, ato de servir de intermediário entre pessoas, grupos, partidos, a fim de dirimir divergências ou disputas; é o processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos [...] Encontra-se o termo mediação na astronomia, que determina o momento de culminação de um astro. Já na religião, ele identifica a intercessão junto a um santo, a uma divindade, para obter proteção. Numa perspectiva jurídica, mediação é um procedimento que objetiva promover a aproximação de partes interessadas na consolidação de um contrato, um negócio, um procedimento que visa à composição de um litígio, de forma não autoritária, pela interposição de um intermediário entre as partes em conflito. Finalmente, encontramos, ainda segundo Houaiss, o termo mediação na música bíblica, que representa a divisão de cada versículo de um salmo em duas partes, a primeira salmodiada por um coro e a segunda por outro.

A autora nos apresenta, a partir de sua exposição acerca da origem e significado do vocábulo “mediação” no dicionário da língua portuguesa, uma visão bem ampla a respeito da mesma, mas, que nos leva ao entendimento de meio de facilitação para algo. Dessa forma, mediar seria facilitar o acontecimento de algo ou mesmo criar uma ponte para aproximação. Em educação pode-se afirmar que é a forma que leva à aprendizagem.

Segundo Masetto (2001), a mediação pedagógica significa a atitude e o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. O autor defende que no processo de ensino, o professor não é um transmissor de conhecimento, mas um mediador que atua no processo, de forma

a levar o aluno a construir seu próprio conhecimento a partir das experiências que vivencia. Em outras palavras, a mediação pedagógica é o comportamento do professor, sua forma de dar aulas e se relacionar com seus alunos, numa prática de diálogo, debate, orientação, troca de experiências, proposição de desafios, exercendo uma ponte entre a teoria e a prática.

A mediação pedagógica coloca em evidência o papel do sujeito do aprendiz e o fortalece como ator de atividades que lhe permitirão aprender e conseguir atingir seus objetivos; e dá um novo colorido ao papel do professor e aos novos materiais e elementos com que ele deverá trabalhar para crescer e se desenvolver (MASETTO, 2001, p.146).

Dessa forma, o papel do professor é modificado e transformado. Ele deixa de ser um transmissor do conhecimento e passa a ser um mediador, um intermediário entre o conteúdo e o educando na construção do conhecimento permeado pela sua interação e prática em sala de aula, as atividades e as ferramentas que disponibiliza no ambiente de aprendizagem.

Maheu (2001) destaca ainda que

Mediar não significa, tão somente, efetuar uma passagem, mas intervir no outro polo, transformando-o. A mediação na esfera educativa guarda o sentido da intervenção sob inúmeras formas, desde as modalidades mais amplas — como a mediação sociopolítica que pratica a escola/o fenômeno educativo face aos alunos que se formam — às modalidades que se inserem no âmbito da prática pedagógica, onde se posiciona, primordialmente, o professor como mediador (MAHEU, 2001 p. 45).

Em outras palavras, a mediação pedagógica tem função não apenas facilitadora, mas também transformadora da ação didática do professor em sala de aula. O professor mediador é, então, um intermediário.

Por meio da mediação pedagógica o professor atua como ponte, aproximando o aluno do conhecimento, uma vez que são características dessa prática “dialogar permanentemente [...]; apresentar perguntas orientadoras; orientar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho; desencadear e incentivar reflexões” (MASETTO, 2001 p. 145). Nesse processo dialógico é construída a aprendizagem de forma significativa e prazerosa.

Para Perez Castillo (1999, apud MASETTO, 2001 p. 145),

A mediação pedagógica busca abrir um caminho a novas relações do estudante; com materiais, com o próprio contexto, com outros textos, com seus companheiros de aprendizagem, incluído o professor, consigo mesmo e com o seu futuro.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a relação professor aluno faz toda diferença no processo de ensino e aprendizagem e que o professor e sua prática podem direcionar esse processo e definir se ele será proveitoso ou não. E para tanto, precisa ter consciência de que essa prática necessita estar em constante reflexão. Conforme afirma Perrenoud (2000), o professor está constantemente diante de urgências e incertezas sendo a urgência referente à necessidade de compreender a dinamicidade de um sistema complexo que é a prática docente em sala de aula, ambiente no qual tem que agir, tomar decisões e fazer encaminhamentos, cujos resultados são marcados por incertezas (PERRENOUD, 2000; FONTANA, 2000).

As indagações também permeiam a prática docente em sala de aula, isto é, a mediação pedagógica depende muito dos questionamentos e da reflexão que o professor faz de sua prática. Um professor que reflete sobre sua prática e busca direcioná-la com base nessa reflexão tem muito mais chance de exercer uma mediação eficaz no processo de ensino e aprendizagem que aquele que procura receitas prontas nos manuais e diretrizes, conforme afirma Freire (2006 p. 134)

[...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ser com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando*, como sujeito de aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar.

Freire (2006) em sua reflexão sobre o ato de ensinar traça um perfil mediador para o professor que, de mero transmissor de conhecimento passa a ser uma ponte (seta) que leva seu aluno até o alvo que é a aprendizagem. A mediação do professor, isto é, sua prática é o que facilita esse processo. Segundo Perrenoud (2000), faz parte da responsabilidade do professor selecionar, organizar e dirigir as mais diversas situações de aprendizagens pelas quais o aluno será submetido. Os dois estudiosos da educação nos levam a perceber que um professor mediador é um professor reflexivo que tem a criatividade como critério primeiro que permeia sua prática e que propõe aos seus alunos desafios a serem superados.

A prática mediadora tem seu foco na coordenação e não na centralização na figura do professor. Para muitos estudiosos da educação e do processo ensino e aprendizagem, dentre os quais podemos citar Freire (2006) e Perrenoud (2000), a qualidade do ensino está relacionada à mediação pedagógica do professor, uma vez que o docente é um facilitador no processo de ensino. Para tanto, o professor precisa conhecer a realidade de seus alunos, como vivem e se relacionam com o meio, pois isso permite que ele se aproxime de sua classe e estabeleça uma boa interação com os alunos. Compreendendo seus alunos, o professor tem a possibilidade de atuar e interferir positivamente no processo educacional e na formação dos mesmos. Nisso consiste o processo de mediação pedagógica eficaz.

No processo de ensino e aprendizagem, por meio da mediação pedagógica, o professor deve saber lidar com as diferenças em sala de aula, levar em conta as mudanças e acontecimentos que acontecem a cada momento no dia a dia em nossa sociedade e na escola. Para isso, é necessário o professor estar atento e envolvido no processo a todo o momento, refletindo e norteando sua prática a partir da reflexão.

No entanto, conforme pontua Cagliari (2009, p. 38),

a questão metodológica não é a essência da educação, apenas uma ferramenta. Por isso, é preciso ter ideias claras a respeito do que significa assumir um ou outro comportamento metodológico no processo escolar. É fundamental saber tirar todas as vantagens dos métodos, bem como conhecer as limitações de cada um.

A mediação pedagógica é algo individual do professor, mas que depende também do sistema de ensino em que este atue. Tal sistema deve fornecer ao docente o apoio necessário, incluindo a sua qualificação. O que não implica no fornecimento de fórmulas e receitas prontas, mas a reflexão sobre sua prática, o estudo e discussão de técnicas, de materiais de apoio e métodos para a aplicação de aula dinâmica e interativa. Relembrando as palavras de Freire (2006), a curiosidade é a mola propulsora para a atuação eficaz e eficiente do professor. É ela quem o faz perguntar, conhecer, atuar, reconhecer e refletir sobre sua prática mediadora.

É algo, portanto, que está na prática de todo professor. A relação que o mesmo estabelece com seus alunos e, por meio da qual, promove a aprendizagem.

## 2.2 Mediação Pedagógica na Escola

A escola é, por excelência, um ambiente destinado ao ensino e a aprendizagem. E no contexto atual, em que a sociedade contemporânea exige, a cada dia, a atuação de indivíduos capazes de criar e recriar as suas aprendizagens e de se adaptarem às mudanças e transformações constantes a que estamos sujeitos, esta precisa preparar-se para recebê-los e fornecer-lhes os subsídios necessários a sua inserção na sociedade, uma vez que é seu papel primordial zelar pela formação integral do educando.

Na visão de Vigotsky (2003), o processo de aprendizagem do ser humano se dá a partir da interação entre os pares e com o meio em que estão inseridos. Daí a necessidade de a escola estar preparada e oferecer um ambiente propício à aprendizagem. Trata-se da relação dialética proposta por Paulo Freire e do papel mediador por ele defendido em seus estudos e teses.

Segundo Lima (2010), cabe à escola se preparar para receber os alunos, oferecendo aos mesmos um ensino de qualidade que os estimule no seu desenvolvimento integral, independentemente, de sua cor, etnia, religião, sexo, opinião política, aparência física, deficiência, classe ou posição social.

De acordo com Cagliari,

a escola usa e abusa da força da linguagem para ensinar a para deixar bem claro o lugar de cada um na instituição e até na sociedade. Fora de seus muros. A maneira como se fala, como se deixa falar, sobretudo como se pergunta e como são aceitas as respostas, muitas vezes é usada não para avaliar o desenvolvimento intelectual do aluno, mas como um subterfúgio para lhe dizer que é burro, incapaz ou excelente. (CAGLIARI, 2009, p. 25).

Para o autor supracitado, a escola na atualidade se envolveu com inúmeras teorias e métodos e acabou por se afastar de seu foco principal, que é a aprendizagem dos seus alunos. Tal fato se deu por conta de que a escola voltou às costas para a realidade de seus alunos e buscou impor um padrão de homogeneidade alheio às necessidades dos mesmos. Cagliari (2009) salienta ainda que o professor deve compreender como acontece o processo de aquisição do conhecimento (aprendizagem) por parte dos seus alunos, para que assim possa refletir sobre sua prática, selecionar métodos e técnicas adequados e que favoreçam o bom andamento desse processo.

Segundo Libâneo (2010), na Pedagogia Progressista Libertadora, tendência em que surgiu o conceito de mediação pedagógica, o papel da educação, portanto da escola, é conscientizar para transformar a realidade. A metodologia a ser adotada na escola é caracterizada pela problematização da experiência social em grupos de discussão. A relação do professor com o aluno é tida como horizontal, em que ambos passam a fazer parte do ato de educar. Nessa perspectiva, ambos são sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, e a mediação pedagógica direciona o processo de ensino e aprendizagem para uma relação de trabalho em conjunto.

A escola tem como missão a responsabilidade de inserir o educando na sociedade, atuando como ponte entre este e o conhecimento, promovendo sua formação integral, conscientizando-o de que não são seres passivos, meros receptores de conteúdos, mas seres capazes de pensar, questionar a si mesmo e ao mundo (FREIRE, 2006). Dessa forma, a escola, terá cumprido seu papel e além de transmitir o conhecimento acumulado historicamente estará dando a oportunidade de atuarem como protagonistas do seu processo de construção aprendizagem.

Segundo Freire (2006), a ação docente é à base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar. Entretanto, para que isso, efetivamente, ocorra se faz necessário que a escola forneça ao professor os subsídios necessários para sua atuação. Portanto, para que o docente exerça seu papel mediador, a escola deve ser também mediadora.

A escola precisa constantemente estar revendo suas práticas e refletindo sobre as mesmas, a fim de oferecer ao seu público (os alunos) um ensino de qualidade. Ensinar é uma responsabilidade, e como tal, precisa ser trabalhada e desenvolvida.

A função da escola é ensinar, afirmamos isso imaginando que o aluno de forma espontânea, irá aprender. Mas, quando observarmos a atual situação educacional do nosso país, concluímos que o caminho é longo e exige muito estudo, reflexão, comprometimento profissional e vontade política. Não basta colocar todos os alunos na sala de aula sem que sejam oferecidas condições, para que o ensino e a aprendizagem aconteçam.

Buscando a etimologia da palavra, ensinar, encontramos em Lima et al.(2006, p. 240),

Surge no século XI, na língua francesa (*enseigner*), e no século XIII, na língua portuguesa; do baixo latim *insignare*, alteração de *insignire*, que significa indicar, designar, e que pode chegar a ser compreendido como “marcar com um sinal”. Note que marcar pode transmitir uma ideia de imposição, mas pode, por outro lado, indicar o nascimento do caráter do estudante, uma vez que, em grego, sinal é *Karakter*. (LIMA et al, 2006, p.240)

Dessa forma, compreendemos que a palavra ensinar nos remete ao sentido das marcas e sinais que um professor pode imprimir na formação de uma criança (educando) por meio contato que estabelece, tendo como interceptora sua prática (mediação) pedagógica.

Aprender, de acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa é derivado, por síncope, de apreender (do latim *apprehendere*), e significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo, receber a informação de... o que nos leva a concluir então que, o ato de ensinar na escola, implica em um processo mediado que envolve o professor, o aluno e os conceitos ou conhecimentos a serem transmitidos. No próximo ponto abordamos a mediação pedagógica como facilitadora da aprendizagem nas aulas de leitura.

### **2.3 A mediação pedagógica nas aulas de leitura**

O processo de ensino e aprendizagem da leitura em sala de aula, bem como a forma como este se concretiza, tais como, a interação texto e leitor, mediada pelo professor, é de interesse da Linguística Aplicada e de outras áreas do conhecimento tais como a Psicologia, tendo por base os estudos de Vygotsky no início do século passado. Para o mesmo, se faz necessário perceber a determinação da linguagem sobre o desenvolvimento humano e a total influência que a mediação pedagógica exerce nesse processo.

Segundo Vygotsky (2003), é através da linguagem que o homem constrói os processos psíquicos superiores que são responsáveis por sua ação inteligente no mundo. Em outras palavras, através da linguagem e da interação que a mesma proporciona, conseguimos expressar nosso pensamento e ideias e assim, construir conhecimento além de interiorizar conhecimentos e valores dos grupos que nos cercam. O autor constata a existência de um ser humano não apenas ativo, mas também interativo.

Ao nascer, a criança se depara com um mundo repleto de conhecimentos que foram construídos e sistematizados no decorrer da história e evolução da humanidade, mas é através da linguagem e das interações a que está sujeita que esta interioriza e se apossa de tais conhecimentos. O desenvolvimento das capacidades e habilidades cognitivas se dá através da vivência dos processos no nível intersíquico, nas interações sociais, e são interiorizados e reconstruídos no nível intrapsíquico. Dessa forma, as interações sociais que aqui podem ser entendidas como mediações pedagógicas, desempenham um papel crucial no desenvolvimento do indivíduo. Portanto, pode-se afirmar que, é na interação com outros indivíduos que a criança adquire os princípios e leis organizacionais para seu desenvolvimento em um determinado contexto sociocultural (VYGOTSKY, 1999 e 2003).

Daí Geraldí (2002) e Travaglia (2005), ao analisarem as concepções de linguagem no contexto escolar discriminar três modos (formas) de conceber a linguagem:

a) *A linguagem como expressão do pensamento*, vista como um reflexo do pensamento. Dessa forma, segundo essa concepção, se expressa bem o indivíduo capaz de organizar de maneira lógica, articulada e organizada seus pensamentos. Surge dessa concepção o modelo de Gramática normativa;

b) *Linguagem como instrumento de comunicação*, que considera a língua um conjunto de signos que se combinam segundo regras de um sistema linguístico (GERALDI, 2001). Para Travaglia (2005 p. 22), “A língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor [...]”.

c) *Linguagem como forma de interação social*; nesta concepção a linguagem não é considerada apenas como instrumento de transmissão de informações, mas é um lugar de interação, pois ao falar, o indivíduo não transmite apenas informações, mas influencia seu interlocutor e constrói vínculos que antes não existiam.

Esta terceira concepção de linguagem é a defendida e difundida pelos PCN's (1998) que afirmam “não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social [...]” (ibidem, p.5). O documento ainda propõe novas práticas pedagógicas que revelam os esforços das Leis educacionais em propor uma revisão e uma reorientação das práticas de ensino de língua materna. Em outras palavras, uma reflexão sobre as práticas de ensino do professor de língua portuguesa e seu papel enquanto mediador no processo de ensino e aprendizagem.

É do nosso entendimento que a leitura é uma atividade interativa que se apresenta em diferentes níveis ou estágios, que, segundo alguns estudiosos, retomando as concepções de Vygotsky, podem ser agrupados em dois modelos hierárquicos: **bottom up** (ascendente) e **top down** (descendente), conforme se verifica em Solé, 1998, p. 23.

Segundo Solé (1998), no primeiro modelo denominado **bottom up**, é centrado no texto, o leitor começa o processo das informações nele contidas partindo das letras, sua junção formando sílabas e posteriormente palavras, frases em um processo ascendente e sequencial que por fim resultará na compreensão do texto. De acordo com a autora, “as propostas de ensino baseadas no mesmo atribuem grande importância às habilidades de decodificação, pois consideram que o leitor pode compreender o texto porque pode decodificá-lo totalmente” (SOLÉ, 1998 p. 23).

O segundo modelo, o **top down**, contradiz o primeiro e não considera que o leitor inicia o processamento da leitura a partir das letras. De acordo com esse modelo, o leitor ao ter contato com o texto ativa conhecimentos que traz oriundos de outras leituras, esses conhecimentos são o que Kleiman (2004) chama de conhecimento prévio. A partir daí, faz inferências, levanta suposições e não precisa fixar-se no texto e recorre ao mesmo apenas para verificá-las e confirmar suas antecipações; portanto, quanto mais informações o leitor possuir sobre o assunto

tratado no texto, mais a leitura fluirá. Desta forma, o processo de leitura não depende meramente da decodificação do código escrito, mas no “reconhecimento global” do texto (SOLE, 1998).

No entanto, não se pode afirmar que a interação na leitura dependa apenas da aplicação de um ou outro modelo, mas que faz uso simultâneo dos dois. Para ler proficientemente, o leitor precisa dominar as habilidades de decodificação e reconhecimento das letras, palavras e frases num processo ascendente, bem como faz uso dos conhecimentos e informações adquiridos no decorrer de sua vida e trajetória acadêmica para inferir, chegar a uma compreensão.

De acordo com Menegassi (1995), o trabalho com leitura em sala de aula parte do pressuposto da tríplice interação que há entre o leitor, o texto e a mediação do professor. Tal interação é pressuposta pela teoria sócio construtivista e é mediada pelo professor no processo de produção de sentidos que se efetiva entre o aluno (leitor) e o texto, a partir do diálogo mediado pelo professor.

Para tanto, o professor precisa ser dotado de conhecimentos que constituem a prática pedagógica do ensino da leitura, tais como procedimentos didáticos e metodológicos que proporcionarão sua atuação como mediador, como veremos no capítulo seguinte.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2012, p. 1) “[...] para ensinar os alunos a ler com compreensão e a escrever com razoável coesão textual, é preciso que os professores que estejam em formação inicial ou continuada desenvolvam sua própria competência leitora.” De acordo com a autora anteriormente citada, antes de esperar que nossos alunos se tornem leitores, temos que formar esse hábito em nós professores. A autora afirma ainda que este, muitas vezes, é um problema de formação “É preciso também que o currículo dos cursos de formação de professores reserve carga horária e investimento adequados a uma atualizada pedagogia da leitura.” (BORTONI-RICARDO, 2012 p. 1).

Mas, este não é o único problema. Acrescente-se a ele a falta de condições e estruturas precárias das escolas, salas superlotadas, escassez de bibliotecas, desinteresse da família. São inúmeros os fatores que interferem no processo de formação de leitores autônomos e proficientes na escola. Propomos no capítulo

seguinte uma reflexão sobre esse aspecto apontando aportes teóricos e propondo algumas sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula se tornando, por conseguinte, um apoio para a prática e atuação do docente nas aulas de leitura.

## CAPÍTULO III

### 3 FORMANDO LEITORES NA ESCOLA: PRESSUPOSTOS E ORIENTAÇÕES

O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente se elas sentem ou não a “necessidade de livros”.

Daniel Pennac

A leitura é uma prática recorrente nos mais diversos contextos da nossa vida social e que exige uma participação ativa dos sujeitos nela envolvidos, uma vez que estamos inseridos numa sociedade letrada que exige de nós cada dia mais a busca de informações, o manuseio de aparelhos tecnologicamente avançados e a interpretação de dados que ajudam no desempenho das mais variadas atividades do nosso cotidiano.

Segundo Bortoni-Ricardo (2012, p. 2)

Podemos identificar dois tipos de problemas com a leitura, os de codificação, que envolvem habilidades de nível baixo; e os de incompreensão dos textos, que se relacionam a habilidades de alto nível. Quanto mais hábeis com as primeiras, mais memória operacional os leitores liberam para o segundo tipo de habilidades.

E tais problemas estão intimamente relacionados com a forma como a leitura é trabalhada/apresentada em sala de aula. Quando o professor leva seus alunos a fazerem conexões entre as informações expostas no texto e sua vida cotidiana, sua experiência de leituras anteriores à compreensão se torna mais fácil. O que nos leva a perceber que no processo de formação de leitores, o professor, exerce um papel fundamental.

A escola é, por excelência, instituição legitimadora e promotora do ensino e da formação de leitores ativos e proficientes. No entanto, ela tem encontrado barreiras e enfrentado dificuldades na execução dessa tarefa, tais como a não assimilação de normas linguísticas o que impede na compreensão dos textos, o desinteresse por material escrito e a indisciplina dos alunos que dificultam o trabalho com a leitura e conseqüentemente todo o processo de aprendizagem.

No que se refere ao tratamento com a leitura em sala de aula e a interação do professor com o aluno nesse processo Lois (2010, p. 71) afirma que,

Na relação professor/estudante o papel de cada um é visivelmente diferente. Em um polo, encontra-se um adulto com uma maior experiência de vida e destinado a ocupar um lugar de saber. O saber é um elo entre o professor e o estudante e, normalmente, quem delinea a relação é o professor. Entretanto, do outro lado dessa relação encontra-se o estudante, com questões inerentes a sua história de vida, expectativas sobre o aprendizado e particularidades em sua forma de estabelecer vínculos. Ou seja, dois sujeitos que ficarão durante um bom período convivendo em sala de aula e que se confrontarão com diferenças de pensar, ler e escrever.

Na relação professor aluno a confiança é a maior aliada do professor. Quando o aluno encontra esse apoio em seu professor terá maior autonomia para lhe falar de suas dificuldades e encontrar a solução de algum problema. Quando acontece o contrário e o professor se demonstra o dono do saber, inacessível ao aluno, a relação se tornará difícil e não haverá a interação necessária no processo de formação de leitores.

Para Zilberman e Silva (2005), é função da escola formar leitores críticos e difundir entre os alunos o gosto e hábito pela leitura, que, segundo a autora, contribuiria com a melhoria da aprendizagem das crianças e jovens, além de superar o estágio que considera como um atraso cultural. A autora considera que a leitura literária é indispensável para o aluno em fase de escolarização, uma vez que por meio dela ele terá contato com diferentes formas de expressão e uso da linguagem reafirmando que o melhor lugar para a execução dessa tarefa é a escola.

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN e SILVA, 2005 p.16).

Infelizmente, a maioria das escolas não cumpre seu papel na formação de leitores e dificilmente estimulam a prática de leitura e quando desenvolvem atividades nesse sentido, obrigam o aluno a ler, causando no mesmo repúdio em lugar de prazer. Contribui, assim, com o distanciamento do aluno da prática de leitura e a não formação de leitores. Para o cumprimento de seu papel, a escola necessita dispor de um ambiente favorável e convidativo a essa prática, além da presença de profissionais capacitados e oferecer aos profissionais que dispõem formação continuada na área e o acesso a métodos e materiais que favoreçam a prática leitora. Em outras palavras, podemos afirmar que se faz extremamente necessário enfatizar o trabalho com a leitura na escola.

A escola precisa fornecer ao professor a reflexão sobre sua prática e lhe proporcionar condições de trabalho favoráveis à promoção da leitura. Precisa inseri-la como parte integrante da sequência didática. O conhecimento e reflexão a respeito de metodologias específicas, aquisição de materiais suficientes e que atendam às necessidades e à demanda dos alunos são ações que podem facilitar o trabalho do professor.

Segundo Kleiman (2007), foi a partir da década de 1970 que houve uma ampliação na participação do leitor no ato de leitura. Este não é mais visto como um indivíduo que simplesmente processa (decodifica) o material gráfico verbal (escrita) à medida que lê, seguindo a regra linear da letra à sílaba, da sílaba à palavra e desta à frase e assim por diante. O modelo de leitor que surge a partir dessa época tem como base teórica a abordagem psicossocial da Linguística Textual, que se dedica ao estudo da leitura e do texto.

Kleiman (2007) afirma ainda, que a ruptura efetiva com o modelo de leitor/decodificador aconteceu com o advento dos estudos sobre o letramento que surgiram na década de 1990, a partir das pesquisas e estudos desenvolvidos por Magda Soares e das teorias propostas pela Linguística Aplicada, uma vez que foi a partir de então, que a leitura passou a ser considerada como uma prática social.

Nessa perspectiva, o trabalho com a leitura passou a exigir do leitor, sua interação com diferentes gêneros textuais que o possibilitarão fazer uso da leitura nos mais diversos contextos históricos e sociais em que estiver inserido. Representou, portanto, a ruptura com a visão de leitura como decodificação da palavra escrita e do leitor como decodificador e a adoção de uma concepção sociointeracionista de leitura que a vê como atividade de compreensão e interação envolvendo texto-autor-leitor que estamos defendendo neste trabalho. A partir dessa concepção, a interação entre alunos e professor nas aulas de leitura tem se tornado um fator crucial, uma vez que é por meio da mediação pedagógica do professor que será possível ao aluno não somente entender o que está exposto explicitamente no texto, mas, também, o que está implícito nas entrelinhas. Então, dessa forma, percebemos que a leitura não é uma atividade individual cujo cerne é o leitor, mas uma prática interativa que ocorre numa espécie de tríade autor-texto-leitor mediada pelo professor (KOCH, 2007).

O professor é mais um elemento inserido nessa tríade proposta por Koch (2007) no processo de leitura. A interação passa a ser entre autor-texto-mediador-leitor. E para que esta ocorra de forma eficaz e eficiente, faz-se necessário que o professor esteja ciente de seu papel de mediador no processo, bem como que busque conhecimentos teóricos que lhe possibilitem a aplicação de estratégias eficazes para a formação do sujeito leitor.

Em outras palavras, o professor precisa conhecer os caminhos, possibilidades e métodos que favoreçam o desenvolvimento do hábito de leitura, bem como as dificuldades dos seus alunos para, a partir delas, traçar metas e estratégias para levá-los a superá-las. Antes de tentar formar em seus alunos o hábito de leitura, os professores precisam formar em si esse hábito.

Partimos do pressuposto de que a escola é a principal instância responsável pela formação de leitores, embora na maioria das vezes ocorra o contrário, uma vez que ocorre a imposição da leitura, tornando-a uma obrigação e não uma atividade prazerosa. A escola é a principal instância na formação de leitores, mas não a única. A família, a comunidade e a religião também exercem influências no processo de formação de leitores. O ambiente favorável à leitura deve começar externo à escola para nela ser aprimorado.

Mas, a indagação permanece: “Qual a importância de se formar leitores?”

A leitura estimula a curiosidade dos leitores, instiga a necessidade que temos de imaginação, devaneios, sonhos. Todos nós gostamos de ouvir e contar histórias, de compartilhar com os outros o que ouvimos, sabemos e/ou aprendemos. A leitura é um patrimônio cultural e comum a que todos devem ter livre acesso.

As histórias trazem sentido à nossa vida. Lemos para dar significado à vida, para organizar o caos que nos circunda, para esquecer o mundo, os problemas vividos ou buscar soluções para resolvê-los.

De uma maneira geral e mais ampla, o ato de ler caracteriza a relação do indivíduo leitor com o mundo que o cerca, a interação com seus pares e sua inserção na sociedade. Pois,

[...] o texto não existe sem o leitor. Os livros só existem porque há um leitor que o ilumina pelo seu olhar. A palavra escrita, da bula ao mais denso texto literário, necessita comunicar-se com alguém (LOIS, 2004, p. 72)

Na atual conjuntura, não basta ao indivíduo ser alfabetizado, faz-se necessário que ele participe ativa e efetivamente da sociedade em que está inserido. Por isso o conceito de alfabetização vem sendo reformulado e ampliado para dar lugar ao conceito de letramento. Segundo Soares (2006) a diferença entre os dois conceitos consiste na forma como o indivíduo incorpora e faz uso efetivo da leitura e da bagagem cultural que esta traz a sua vida.

A partir daí, surge uma outra indagação: “de que maneira os alunos – futuros leitores – estão sendo apresentados à leitura?” É o que nos propomos a analisar e discutir no próximo ponto.

### **3.1 Traçando estratégias para a formação de leitores: Sugestões de atividades**

“É preciso que a educação seja mais significativa, mais prazerosa e o que se aborda faça algum sentido para o educando, seja do seu interesse, satisfaça suas necessidades bio-psico-sociais e que o prepare para o mundo de hoje.”

(Maria Augusta Sanches Rossini)

Não há uma fórmula mágica a ser seguida no processo de formação de leitores: o que há são estratégias que, se aplicadas devida e sistematicamente, podem contribuir com o trabalho do professor e despertar no aluno o interesse pela leitura.

O leitor, professor de língua e escritor, considerado um dos maiores autores da literatura francesa na atualidade, Daniel Pennac, afirma em sua obra *Como um romance* (1993) que uma das primeiras atitudes que o professor deve tomar ao incentivar em seus alunos o hábito de ler é respeitar os direitos que, em sua opinião, são imprescritíveis, do leitor: 1. O direito de não ler; 2. O direito de pular as páginas; 3. O direito de não terminar de ler o livro; 4. O direito de reler; 5. O direito de ler não importa o quê; 6. O direito ao “bovarismo” (doença textualmente transmissível); 7. O direito de ler não importa onde; 8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali; 9. O direito de ler em voz alta e 10. O direito de se calar (PENNAC, 1993 p. 139).

Em seu livro, Pennac (1993) narra de forma encantadora o romance que se forma entre um leitor e o livro. Segundo o autor, esse romance deve iniciar na infância, quando tudo é mais puro e inocente e não se busca interesses e deve perdurar até a fase adulta. O autor, afirma ainda que, o fenômeno de aversão aos livros, tão comum entre nossos alunos, não deve ser atribuído ao leitor (à preguiça de ler ou ao desinteresse pela leitura, por exemplo) nem aos livros, mas, às cobranças que são impostas às crianças e adolescentes com a obrigatoriedade de ler.

Entende-se, dessa forma, que não é impondo leituras que iremos formar leitores. Em “Como um romance”, Pennac fala que as crianças se apaixonam pelos livros na fase da infância, a partir do gosto de ouvir a leitura de um livro e da fantasia que o desperta a imaginar e adentrar em um mundo novo, cheios de fadas, rainhas, reis duendes, por alguns instantes. O autor chama a atenção dos pais para a importância do exercício da leitura para as crianças, e relata de forma poética cenas propícias onde estes instantes podem acontecer, sem cobranças, sem perguntas às crianças, ler gratuitamente, puramente um ato de doação. Sobre isso o autor afirma; “que pedagogos éramos quando não tínhamos a preocupação da pedagogia!” (1993, p.21). Os professores, segundo Pennac, se preocupam com os resultados, com o que houve de aprendizagem e quando pressionam a criança a mostrar os tais resultados, destroem o brilho que a leitura causa quando é feita de forma gratuita.

Quando a criança entra na escola e se depara com “as leituras obrigatórias” presentes nos programas, nos livros didáticos, geralmente, sente um desencantamento para com o ato de ler; antes, uma atividade prazerosa ou necessidade de viver uma aventura. Para Pennac (1993, p. 79), “A vitalidade não esteve jamais inscrita no programa das escolas. A função é que está lá. A vida está em outro lugar. Ler é algo que se aprende na escola. Gostar de ler...”.

Fatos como a cobrança com relatórios de leitura, resumos, a imposição de livros que devem ser lidos ao invés de permitir que os alunos escolham o livro que querem ler, a estipulação de prazos para o término de leitura, o desrespeito ao tempo do aluno acabam por provocar um distanciamento entre ele (leitor) e o livro. Depois ficam a procurar causas ou culpados para esse distanciamento e culpam a TV e a internet por roubarem a atenção dos alunos.

Ora, além da TV oferecer tudo “esmiuçadinho” (não é preciso imaginar ao assisti-la, ela faz isso por nós), ela não cobra nada, “oferece de graça” todos os programas fantásticos e muito bem produzidos, assistimos a eles e nos calamos e, se contarmos para alguém o que vimos, o fizemos por querer, ninguém nos obrigou, não precisamos de notas ou conceitos de aprovação ou reprovação. Dessa forma o livro perde feio, mas não por não poder competir com a televisão, pelo contrário, ele é mais misterioso e fantástico, mas pelo fato de sua leitura se apresentar, na escola, de forma obrigatória.

Já no caso da internet, ela oferece tudo pronto e interpretado. Comentários, resenhas, resumos de obras, trabalhos feitos e questionários inteiros respondidos são expostos diariamente na rede e está a disposição de quem os procurar. Por que o aluno se ocuparia em ler um livro para responder um questionário, às vezes com questões mal formuladas ou sem sentido algum para ele?

Tudo isto são fatores que estão a exigir cada vez mais professores atuantes, capazes de criar situações estimulantes, conduzindo o jogo de aprendizagem, indicando alguns caminhos para que os alunos venham a gostar de ler.

Um fator é importante, a leitura é um bem cultural inegável à inserção do indivíduo na sociedade, mas esse bem ainda mostra-se distante de boa parte da população brasileira, mesmo a população escolarizada ou que ainda frequenta a escola. A formação de leitores nas nossas escolas é afrontada por inúmeras dificuldades: a falta de livros e outros materiais para leitura, a inexistência de bibliotecas em todas as escolas, o analfabetismo de boa parte dos pais de alunos, etc. Formar leitores na escola, portanto, significa ter que driblar todas essas dificuldades. Para tanto, não se pode esquecer o conselho “Uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca” (PENNAC, 1998, p.121).

Por outro lado,

É importante ressaltar que, diante dessa abertura, não pode cair num extremo onde tudo é permitido no texto e qualquer maneira de interpretar é válida. Considerar o papel do leitor não é anular uma linha condutora presente no texto (LOIS, 2004, p. 72).

É preciso estar atento ao processo de aprendizagem do aluno e conduzi-lo a encontrar estratégias que lhe possibilitem a compreensão, mas não iludi-lo com a ideia de que toda interpretação é válida. Apenas de interativo e aberto ao diálogo, o texto apresenta uma linha condutora que precisa e deve ser respeitada.

É relevante pensar na “intenção” do texto tanto quanto é relevante valorizar o papel do leitor na significação do texto. Porém, o que não pode deixar de ser considerado é que na relação existente entre um sujeito (leitor) e um objeto (texto) existem projeções e identificações que acontecerão durante a leitura e que serão também responsáveis pela forma de ler de cada um (LOIS, 2004 p. 72).

Isso não significa afirmar que o professor deva impor uma interpretação ao aluno, mas que deve conduzi-lo a encontrar o fio condutor que leva a compreensão do texto. Apresentamos a seguir, baseados em nossa experiência de sala de aula, uma série de atividades que podem auxiliar nesse processo.

### **3.2 Sugestões de estratégias e atividades com a leitura em sala de aula**

Os outros veem com olhos assombrados. Que o mundo perturbou, com novas formas. Novas tintas. Tu verás com teus olhos. Em sabedoria. E verás muito além. (Cecília Meireles)

Conforme vínhamos tratando nos itens anteriores, é fundamental para a formação de leitores a interação professor-aluno-livros. Para isso são necessárias estratégias que envolvam o aluno nas atividades com a leitura, de modo que ele se sinta parte integrante do processo. Algumas atividades com esse objetivo, partindo do próprio ambiente da escola, podem ser uma boa ocasião para isso. Vejamos algumas sugestões:

#### **3.2.1 Sala de Leitura**

Considerar a relação que existe entre o texto e o leitor auxilia a identificar outras questões – além das pedagógicas – que existem nas práticas leitoras. Ajuda a perceber os diferentes territórios de cada um e a respeitar os diferentes posicionamentos assumidos. (LENA LOIS, 2004).

Consiste em montar na escola um ambiente agradável e chamativo em que os alunos possam ter contato com os livros e ler da forma como quiserem. A sala deve ser arejada, colorida e o mais aconchegante possível. Podem-se colocar mesas dispostas pela sala e/ou almofadas dispostas sobre um tapete ao chão para os que preferirem ler deitados.

O objetivo maior dessa ação/atividade é envolver os alunos cada vez mais no universo que é a leitura de uma forma prazerosa, uma vez que sabemos que a leitura é algo imprescindível para todos, embora muitos a encarem como um “bicho-de-sete-cabeças”, visto que não conseguem entender, compreender e interpretar o que leem.

A presença de uma sala de leitura na escola visa estimular a prática de leitura e o desenvolvimento de atividades, que devem ser elaboradas, especialmente, para atender o perfil de cada aluno/turma existente na escola. Tem, ainda, a intenção de proporcionar aos alunos condições reais de interação com o mundo letrado, para que estes venham descobrir que a leitura traz prazer e emoção àquele que ler. No entanto, não basta apenas se ter a consciência de que a leitura é indispensável à formação do homem, é necessário criar meios para que o ato de ler venha se tornar uma realidade concreta na vida desse indivíduo.

Portanto, a implantação de uma sala de leitura terá como objetivos:

- 1- Despertar o interesse e o gosto pela leitura e escrita estimulando o hábito diário da leitura.
- 2- Ampliar o repertório literário dos alunos por meio da leitura (as visitas podem à sala de leitura podem ser diárias ou semanais, a depender das condições e tempo disponível na escola);
- 3- Conhecer e identificar textos diversos (literários e não literários);
- 4- Identificar e relacionar os diversos gêneros literários;
- 5- Possibilitar um maior contato entre criança e livro;
- 6- Desenvolver atividades interdisciplinares, dialogando com as mais diversas áreas do conhecimento, levando a percepção de que o desenvolvimento de habilidades de leitura é uma atribuição de todos os professores e não apenas do de Língua Portuguesa;
- 7- Possibilitar momentos de maior integração e interação entre os alunos e o professor de forma descontraída;

- 8- Relacionar os textos lidos com a vida diária;
- 9- Desenvolver o senso crítico a partir dos livros lidos e relidos.

Dentre outros que podem ser estipulados de acordo com a realidade de cada turma.

Os livros devem estar ao alcance dos alunos em estantes de metal, à altura de seus olhos ou em estantes improvisadas com pedaços de madeira e cordas ou ainda em cestos distribuídos pela sala. Os livros devem ser separados por gêneros e conter mais de um exemplar do mesmo livro.

### **3.2.2 Roda de leitura**

“Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.” (Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa, 1998, p. 54)

Consiste numa atividade em que na sala de aula o professor, uma vez por semana ou a cada quinze dias, reserva um tempo para ler para seus alunos. Antes conversa com eles sobre a importância da leitura, o que ela traz de bom para todos nós, fala de suas experiências enquanto leitor. Apresenta o livro a ser lido, indaga se os alunos já o leram, se conhecem o autor; em caso positivo, pergunta o que sabem sobre ele, que outras obras do mesmo autor já leram, fala sobre eles. A partir do título busca fazer inferências a respeito do assunto tratado, o que eles acham que trata o livro, como será o desenrolar da história, quais as expectativas? Inicia a leitura e sempre faz pausas, buscando prender a atenção do aluno e indaga se suas expectativas estão sendo confirmadas.

A roda de leitura é uma atividade planejada e permanente de leitura na escola, em que se converse sobre as leituras que as crianças realizaram em casa (com o empréstimo de livros) e abra-se um espaço para que elas indiquem o livro que leram para alguns colegas, levando em conta características da obra e as preferências leitoras dos amigos.

É uma atividade que, ao ser inserida na sequência didática, traz em si o potencial de ajudar a construir uma comunidade de leitores na escola. Por meio dessa atividade, as crianças terão múltiplas oportunidades de explorar diversos gêneros textuais, refletir sobre as leituras, explorar os efeitos que cada uma delas lhes provoca. E tem como objetivos:

- 1- Ampliar o repertório literário;
- 2- Interagir com o livro de maneira prazerosa, reconhecendo-o como fonte de múltiplas informações e entretenimento;
- 3- Compartilhar experiências leitoras;
- 4- Confrontar interpretações;
- 5- Estabelecer relações com outros textos;
- 6- Ampliar os conhecimentos acerca de um determinado autor, utilizando-os como critério de seleção na escolha dos livros a serem retirados/recomendados e enriquecendo as possibilidades de antecipações e interpretações;
- 7- Ampliar os conhecimentos acerca de determinado gênero, utilizando-os como um critério de seleção/indicação na escolha dos livros a serem retirados/recomendados e enriquecendo as possibilidades de antecipações e interpretações;
- 8- Conhecer diferentes formas de publicação, ampliando os conhecimentos acerca das características desse tipo de publicação e utilizando-os como um critério de seleção na escolha dos livros a serem retirados ou em sua indicação.
- 9- Observar e aprender com a postura do professor ao ler, tomando contato com formas de expressão, entonação de voz, respeito à pontuação, etc. ampliando, assim, seus conhecimentos linguísticos.

As rodas de leitura também podem acontecer diariamente com a leitura de mensagens ou textos reflexivos, de início, trazidos pelo professor, mas com o passar do tempo, este pode solicitar a um aluno que os traga, faça a leitura e partilhe com seus colegas o que compreendeu. Dessa forma estarão trabalhando a expressão oral (oralidade) e, ao mesmo tempo, incentivando o hábito de leitura.

É uma atividade que pode ser desenvolvida, mesmo que os alunos não sejam alfabetizados, uma vez que, há vários livros infantis com muita riqueza de imagens. Assim, a leitura visual deve ser encarada como outra maneira de interpretar a história.

### 3.2.3 Hora do Conto

“Todos apreciam uma boa história, mas muita pouca gente conhece o valor real dela. Muitos que a usam para diferentes fins, como entreter, despertar a atenção ou descansar a mente, ignoram que, mesmo quando usada com estes objetivos em vista, a história é um elemento poderoso na formação do caráter daqueles que a ouvem. [...] Podemos afirmar que o valor real da história é ser instrumento educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades humanas em todos os seus aspectos”. (Otilia Chaves, 1963, p. 21)

Muitos são os motivos que nos levam a contar ou parar para ouvir alguma história, quer seja esta real ou contida em algum livro. O suspense, a expectativa em saber o que irá acontecer em seguida, o uso de fantoches ou ilustrações para os menores estimulam a criatividade e aguçam a vontade de aprender a ler para realizar semelhante atividade. Além disso, ouvir a narração de histórias leva os alunos a perceberem as características, o uso e funcionamento da língua escrita.

A Hora do Conto é uma variação das rodas de leitura, com apenas uma diferença. Nesta atividade o gênero é bem específico, são contos que serão selecionados e lidos na turma. Antes de iniciar a atividade, o professor precisa trabalhar o gênero, apresentar as suas características peculiares e funções na sociedade, os principais autores de contos, os temas com que trabalham e as mais diversas variações de contos (contos de fadas, de mistério, de terror, contos populares e folclóricos, etc.) depois seleciona os que serão lidos e discutidos com a turma.

O objetivo maior da hora do conto é contar histórias de forma alegre e agradável, atraindo a atenção das crianças para o universos da literatura e, dessa maneira, contribuir com a formação de novos leitores.

Cada história deve ser narrada e apresentada de forma distinta, fazendo uso de recursos diversos.

Outros objetivos podem ser elencados para esta atividade, dentre os quais citamos:

- 1- Formar o gosto e interesse pela leitura;
- 2- Divertir e tornar a convivência em sala de aula mais descontraída;
- 3- Estimular o desenvolvimento da imaginação e criatividade;
- 4- Despertar atenção, memória, observação, senso crítico e reflexão dos alunos.

Geralmente, se dá preferência aos contos que mais chamam a atenção dos alunos, na maioria das vezes, são os contos populares e os de terror. Faz-se a seleção e inicia a atividade. O ideal é que na sala haja um mural em que depois de lido o conto seja exposto.

### **3.2.4 Café Literário**

A relação entre o texto e o leitor se caracteriza pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo em que nos envolvemos.

Wolfgang Iser

Consiste numa atividade que pode ser realizada periodicamente, de acordo com a realidade de cada escola e do público que esta atende. Uma sugestão seria realizá-la na semana que antecede o Dia Nacional do Livro Infantil (18 de abril).

O professor, em concordância com a direção da escola e familiares dos alunos, sai de sua sala de aula para um local mais arejado, de preferência ao ar livre, um jardim, ou mesmo debaixo de uma árvore em praça pública e lá partilha com seus alunos e estes uns com os outros suas experiências de leitura. Também pode ser uma socialização de livros ou textos que foram trabalhados (lidos) durante a execução de um projeto de leitura ou em um certo período.

Após as socializações, todos podem fazer a partilha de um lanche, que cada um terá levado de casa algo para dividir com os colegas. A atividade também pode ser realizada/desenvolvida numa biblioteca pública, local em que os alunos terão contato com diversos livros dos mais variados gêneros textuais, desde que o

professor comunique com antecedência aos funcionários da biblioteca e reserve o local para a realização da atividade.

Esta é uma atividade que além de estimular o hábito de leitura tem a finalidade de promover a construção de uma cidadania sadia, crítica e consciente, resgatando valores como a solidariedade, a partilha, e a cooperação entre os pares. Dessa forma, estaremos, ainda, contribuindo com a formação de cidadãos participativos e conscientes de seu papel na sociedade.

### 3.2.5 Sarau

De livros encham-se as casas,  
eis um conselho excelente,  
pois o livro, aberto em asas,  
põe asas n`alma da gente.

Orlando Brito

Comumente se entende o sarau como um evento cultural em que as pessoas se reúnem para se expressarem ou se manifestarem artisticamente. De acordo com a etimologia o termo tem origem no latim *serus* que fazia referência ao entardecer.

O objetivo maior de se realizar um sarau na escola é contribuir para que os alunos conheçam e utilizem os elementos constitutivos da linguagem de forma reflexiva, uma vez que, a linguagem é um dos fatores primordiais no processo de aquisição de conhecimentos. Estudar a linguagem ultrapassa a transmissão de conceitos gramaticais, pois a língua se realiza no seu uso, nas práticas sociais nas quais os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio por meio da ação sobre eles. Dessa forma, um ensino efetivo da linguagem significa não só capacitar o aluno a utilizar a língua em diversas situações, mas resgatar a cultura da prática de contar e ouvir histórias, recitar poesias, despertando o gosto pela leitura.

Para trabalhar o gênero poema, o ideal é montar um sarau. Em dias anteriores, o professor faz uma fase preparatória, de modo a descontrair a turma e sentir que a compreensão do poema não é algo inatingível ou tão difícil. O ponto de partida pode ser a indagação: Quem conhece um verso? Um poema? E pedir para que o aluno o diga. Brincar com a sonoridade dos versos; trabalhar o gênero, apresentar suas características, e a forma com que se apresenta. Verificar as rimas,

os versos, a forma de composição dos poemas, preservando assim suas marcas artísticas. O professor apresenta os principais autores de poemas para cada faixa etária e seleciona alguns para serem lidos e interpretados na sala de aula e declamados em voz alta no sarau.

Pode também incentivar os alunos a produzir seus próprios poemas que serão expostos e declamados no sarau. Trabalha-se dessa forma a expressão oral e a produção de textos. No dia do sarau podem-se convidar os pais e a comunidade escolar para o evento.

Como objetivos a serem alcançados com a realização dessa atividade, podemos elencar:

- 1- Compreender a linguagem como forma de expressão e comunicação;
- 2- Ampliar o repertório linguístico e literário;
- 3- Oportunizar o uso da linguagem em diversas situações;
- 4- Valorizar e aperfeiçoar a oralidade;
- 5- Aprender a expressar-se num grupo;
- 6- Despertar no aluno o gosto pela leitura;
- 7- Desenvolver no aluno o comportamento leitor.

O sarau pode envolver além da recitação de poemas, dança, música, sessão de filmes, dramatizações, exposição de pinturas, enfim uma gama de atividades interdisciplinares.

É uma forma de a escola ultrapassar seus muros e envolver a comunidade no seu cotidiano, atraindo seus olhares para os eventos ali realizados.

### **3.2.6 Leitura e cinema**

Uma das funções da escola é fazer com que os alunos aprendam e conheçam as mais diversas formas de linguagem. E a linguagem cinematográfica tem ganhado grande espaço e destaque na sociedade contemporânea em que

vivemos, dada a grande quantidade de obras da literatura nacional e mundial que têm sido adaptadas para o cinema e as telas da TV.

O trabalho comparativo também pode contribuir para a formação de leitores. Nessa atividade, o professor seleciona um livro que já tenha sido adaptado para o cinema ou para a TV e convida os alunos a fazerem a leitura e depois assistirem ao filme, ou ao contrário, primeiro assistem ao filme e depois leem o livro. Concluída a atividade, fazem a comparação dos diferentes gêneros e apontam os pontos em comum, ou divergentes.

Além disso, o uso comparativo da literatura com o cinema facilita significativamente o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais.

A partir da leitura do livro e análise da releitura, das imagens e das ferramentas utilizadas pelo cinema, o trabalho com essa linguagem, entre outros aspectos, contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica do aluno a respeito do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporciona à sua formação.

A cada leitura e exibição cinematográfica, novos olhares, sensações e experiências se renovam e se fortalecem e ainda podem gerar reflexões que se prolongam por toda a vida.

Dentre tantos objetivos a serem elencados a partir dessa atividade, podemos citar os seguintes:

- 1- Ampliar o repertório literário dos alunos;
- 2- Conhecer a linguagem cinematográfica como mais um elemento constitutivo de sua formação;
- 3- Analisar produções cinematográficas, estabelecendo o diálogo entre a narrativa do cinema, a narrativa de obras literárias, os conhecimentos adquiridos e os demais conhecimentos;

4- Incorporar a arte do cinema ao repertório cultural dos alunos, ampliando, assim, sua potencialidade no exercício de uma postura crítica e reflexiva na vida escolar e comunitária.

Uma boa dica para a execução dessa atividade são as obras *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato; *Alice no País das Maravilhas*; de Lewis Carrol (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson) e *O Jardim Secreto*, de Frances Hodgson Burnett, *As aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi, entre outros.

### **3.2.7 Clube de Leitura**

Esta atividade funciona mais com alunos já na fase da adolescência, pois é quando preferem se reunir em grupos para conversar. Um clube de leitura consiste numa reunião regular de leitores que se encontram para discutir um livro e enriquecer o que leram. É um evento social que propicia às pessoas trocarem experiências literárias. A princípio, é uma conversa informal que gira em torno desse tópico comum, um livro preferencialmente já lido pelos demais integrantes do grupo.

Um clube de leitura é simples de se fazer e traz experiências muito agradáveis. O objetivo é conversar sobre algo que se leu. As regras e definições podem variar, mas o necessário a ser definido é:

Quem fará parte do clube? Onde serão os encontros? Com que frequência? Elaborar um cronograma para definir que tipo de leitura será discutida, em cada encontro.

O clube pode ser formado por alunos de todas as turmas da escola, alunos de uma mesma turma, alunos e funcionários da escola. O mais legal do clube é que não há restrições de proximidade, já que o que une os participantes é aquele objetivo comum: a leitura. O tamanho do grupo pode variar, é interessante que não seja muito reduzido para não faltar assunto, nem grande demais a ponto de não haver oportunidade de todos participarem. O importante é escolher um local que acomode bem o tamanho do grupo, e permita que os participantes se sintam bem. O local de encontro pode ser a biblioteca escolar ou a biblioteca pública da cidade.

Há clubes de leitura temáticos, que privilegiam um gênero ou autor, clubes mais ecléticos e livres. Uma ideia que funciona bem é decidir o tema de um encontro, no encontro anterior. O tema pode ser um gênero específico (poemas,

romance, novelas, contos), um livro específico, um autor específico, ou até mais abrangente, como um estilo específico.

O professor pode começar diagnosticando que tipo de gêneros atrai mais a atenção de determinados alunos, tipo quem gosta mais de poemas, romances, contos, crônicas, novelas, ficção científica e a partir daí incentivar a formação dos grupos.

Após definidos os grupos marcam as reuniões que podem ser semanais, quinzenais ou mesmo mensais. Nestas reuniões serão socializadas as experiências de leitura de cada membro/aluno e também do professor. Pode-se recitar poemas, trechos marcantes do livro ou apresentar resumos ou resenhas da obra lida. O objetivo dessas reuniões é partilhar a leitura e incentivar o outro a ler a obra que lemos.

Na primeira reunião, o professor pode dinamizar e preparar uma dinâmica para que todos se apresentem e passem a se conhecer mais. Como sugestão, apresentamos:

1- Preparar um jogo de apresentações e colocar algumas perguntas em vários papéis e colocá-los num recipiente. Quando este passa, cada elemento retira uma pergunta e responde à mesma apresentando-se.

2- As perguntas podem ser relacionadas com a leitura, como por exemplo: Qual foi o primeiro livro que se lembra de ter lido? Qual é o seu livro favorito? Qual foi o livro que mais o influenciou? Qual foi o livro que leu mais vezes? Diga o nome de um livro ou autor que não suporta. Que tipo de livros gosta mais de ler?

3- Pode-se criar uma página ou grupo das redes sociais (facebook, por exemplo) em que os participantes irão interagir, postar trechos das leituras que estão fazendo, expor dúvidas, compartilhar com os colegas alguma experiência nova.

É uma atividade enriquecedora e que pode contribuir com a formação de leitores autônomos.

### **3.2.8 Sequência Didática**

As sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos,

elas envolvem atividades de aprendizagem e avaliação (DOLS & SCHNEUWLY, 2004).

Uma sequência didática aplicada à leitura seria um trabalho voltado para um determinado gênero textual. Por exemplo, o professor pode elaborar uma sequência didática sobre o gênero crônica, e levar para seus alunos o maior número possível de crônicas para que leiam e comentem. Para isso, terão que estudar a estrutura do gênero, suas características e aprender a reconhecê-las.

A Sequência Didática trabalha com os conhecimentos prévios dos alunos, permite a interação de conhecimentos, promove uma aprendizagem significativa. Para tanto, o professor deve oferecer aos seus alunos materiais estimulantes, saber elaborar e interpretar situações-problema instigantes, possibilitar que os alunos façam comentários e exponham tudo o que sabem.

A finalidade dessa atividade, portanto, é fazer com que o aluno conheça um determinado gênero textual de forma a permitir-lhe conhecer o que está lendo e proporcionando a oportunidade também de reproduzir o que lê, ou seja, de dominar a técnica de produção do mesmo gênero.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte dos estudos sobre leitura se detêm a explorar seu conceito e apontar alternativas para o desenvolvimento do hábito de leitura, enquanto poucas pesquisas discorrem a influência do ensino e da postura do professor para o desenvolvimento desse hábito.

Vimos discutindo desde o início deste trabalho acerca da leitura, sua importância na vida do indivíduo e o papel da escola e do professor na formação de leitores autônomos e independentes. Apresentamos alguns conceitos e concepções de leitura de forma bastante resumida, uma vez que o tema é amplo e não era nosso interesse versar, unicamente, sobre os seus conceitos e concepções, mas procurar mostrar que para que a escola e, principalmente, o professor possam cumprir efetivamente o seu papel de formador de leitores é preciso tornar essa parte de sua sequência didática e não meramente trabalhá-la de forma descontextualizada e sem significação para a vida da criança.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trouxeram uma discussão bastante fecunda sobre o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa e da Literatura nas escolas públicas brasileiras. Encontra-se nesse documento uma discussão que coloca, como centro da melhoria na qualidade do ensino em nosso país e requisito principal para tal feito, o aprendizado da leitura o que nos leva a entender que o indivíduo que não a domina é deixado à margem da sociedade, ou seja, é marginalizado, tornando-se alguém que não tem acesso aos bens culturais que lhes asseguram a inclusão e participação na sociedade, a dignidade e a auto realização.

Partimos do suposto de que o professor, que é um bom leitor, mantém um hábito frequente de leitura, é capaz de formar alunos leitores. Conquistando-os por meio de sua prática e sua paixão pela mesma, uma vez que “caso as relações do professor com os livros (a leitura) forem débeis, grandes serão as chances de que sua atuação na esfera do ensino da leitura deixará muito a desejar” (SILVA, 2009, p. 2). No processo de leitura, o texto é apenas o ponto de partida, o sentido não reside somente no texto. Existem inúmeros outros fatores que concorrem para que a compreensão se estabeleça.

Conscientes de que a leitura é importante para nossa formação cultural e é uma prática indispensável para o desenvolvimento cognitivo de um indivíduo, haja vista as grandes exigências advindas do contexto social vigente, que tem exigido de nós, sujeitos sociais, um nível cada vez maior de letramento, procuramos neste trabalho evidenciar o papel exercido pelo professor na tarefa de formação de leitores na escola.

Reconhecemos a carência do processo de formação continuada para que os professores exerçam efetivamente o papel de promotores da leitura e formadores de leitores no Ensino Fundamental, uma vez que os formadores de futuros leitores devem estar suficientemente envolvidos e familiarizados com a cultura da leitura, o que, de fato não acontece na maioria dos casos, pois ler até mesmo para alguns professores é uma tarefa difícil, sem mencionar a rotina “corrida” e, conseqüentemente, a falta de tempo.

É preciso despertar nossos alunos para o gosto pela leitura, atrair sua atenção, e permitir que a mesma encontre nela um caminho para fazer sua viagem, por meio da criatividade presente em cada um. É preciso permitir que a criança ouça as diferentes vozes que falam no texto, e ciente de seu papel como leitor competente e autônomo, juntar-se a uma delas ou, como afirma Lajolo (2002) “rebelar-se contra ela e atribuir-lhe um significado novo, conforme sua vontade e criatividade”.

É isso ler de verdade, e é o que buscamos praticar no desenvolvimento das atividades que sugerimos no decorrer do desenvolvimento deste trabalho e, é o conceito que carregamos atrelado à nossa prática enquanto professor consciente de seu papel e função na formação de leitores na escola e que não se resumem apenas a ela.

A leitura permeia o processo de desenvolvimento do senso crítico, na formação de opinião, potencializa as capacidades intelectuais uma vez que atua sobre a formação de capacidades cognitivas, sociais, culturais e discursivas do indivíduo, promovendo a emancipação do conhecimento a todos que a ela recorrem. Portanto, ler é obter conhecimento. Dominar o hábito de leitura é ter acesso às informações, à ciência e ao conhecimento acumulado por gerações.

Torna-se assim, essencial a valorização do hábito de leitura e imprescindível à adoção de posturas e metodologias que contribuam para a formação de leitores efetivos, eficientes e autônomos e, conseqüentemente, indivíduos conscientes e aptos a defender seus pontos de vista com eficiência e autonomia, expressando suas ideias, conceitos e opiniões com segurança, com coesão e coerência dentro dos padrões exigidos pela sociedade.

Essa é uma consciência que deve ser iniciada na escola, espaço de construção do saber, por meio da revisão de conceitos e práticas difundidos pertinentes ao tema. Nesse ponto ganha grande importância a figura do professor como sujeito incentivador da leitura e criador de situações que propiciem a formação do hábito de leitura.

É preciso investir na formação de um professor leitor e sujeito de mediação. Adequar o sistema educacional e oferecer condições adequadas à promoção da leitura. O professor precisa estar consciente de que a formação de leitores depende, quase que exclusivamente, da força de vontade do fazer e da aguçada curiosidade que move o leitor. E tais capacidades são adquiridas pelos alunos na convivência e interação com ele, por meio de suas práticas e da mediação pedagógica que exerce nas aulas. O professor deve refletir sobre sua prática mediadora e, a partir dessa reflexão, possibilitar a significação ou ressignificação do seu fazer pedagógico.

Para formar um leitor proficiente o professor precisa ter bagagem, e conhecer estratégias que possibilitem essa formação. Tal feito só será possível se ele buscar conhecimentos a respeito das concepções de leitura existentes, para assim, poder adequar sua prática à melhor maneira e que leve a aprendizagem de seu aluno.

Enquanto professor da Educação Básica, atuando no Ensino Fundamental, podemos constatar e vivenciar as dificuldades dos alunos e todas as inquietações dos professores e desafios enfrentados no que se refere ao trabalho com a leitura. E são essas mesmas inquietações que nos levaram ao interesse pela pesquisa em apreço.

Defendemos que a mediação pedagógica dos professores exerce total influência na formação ou não de alunos leitores, uma vez que, esses são espelhos para seus alunos, que aprenderão ou desenvolverão o gosto e hábito de leitura ao

observarem suas práticas. A partir do trabalho com literatura, isto é, com a leitura proposta na escola, o professor que demonstra aos seus alunos gosto pela leitura terá maior possibilidade de lhe estimular a ler e formar, nos mesmos, esse gosto e hábito.

Esperamos ter contribuído com a formação da consciência crítica desses indivíduos e despertado sua atenção para com a urgente necessidade de incentivar o hábito de leitura na escola, sendo este talvez, o ambiente onde os alunos têm acesso a textos escritos, isto é, material para leitura, uma vez que a mídia e os meios de comunicação de massa como a TV e a internet têm competido diretamente com a atividade de leitura, sendo em alguns casos mais atrativos que esta.

Vale salientar mais uma vez que se faz necessário e urgente, que a escola e os profissionais que a compõem, sobretudo, os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, revisem seu conceito de leitura e reflitam sobre suas práticas, adequando seus métodos e metodologias para a necessidade de se formar leitores autônomos e competentes, uma vez que a sociedade vigente assim exige.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Voloshinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BENCINI, Roberta. Compreender, eis a questão! **NOVA ESCOLA**, São Paulo: Abril, n. 160, p. 48-51, mar. 2003.

\_\_\_\_\_. Todas as leituras. **NOVA ESCOLA**, São Paulo: Abril, n.194, p.30-37, ago. 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Formando professores para serem agentes letradores**. 2012. Disponível em: [www.stellbortoni.com.br](http://www.stellbortoni.com.br)

BORTONI-RICARDO, Stella M. [et al] (Orgs). **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Língua Portuguesa, Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de educação Básica. **Pró-letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem. Ed. Revista e ampliada incluindo SAEB/PROVA BRASIL. Brasília: MEC, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**; saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção leitura).

FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

GARCIA, S. R. R. **Um estudo do termo mediação na teoria da modificabilidade cognitiva estrutural de Feuerstein à luz da abordagem sócio-histórica de Vygotsky**. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Marcos.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Mariza. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M. C. B; CASTRO, G. F.; ARAÚJO, R. M. X. **Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar**. *Ciência e Educação*, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

LOIS Lena. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MAHEU, C. M. A. T. **Decifra-me ou te devoro: o que pode o professor frente ao manual escolar?** Salvador, 2001. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MASETTO, M. T.; MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MENEGASSI, R. J. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor**. *Revista UNIMAR*, 17, 1, p. 85-94, 1995.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Mediação pedagógica (verbete)**. **Dicionário interativo da educação brasileira** – Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: 2001.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso...** 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elemento de pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Texto e linguagem).

SILVA, Lílian Lopes Martin da. Uma estante de livros na aula de português. In: **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. São Paulo: Mercado de letras. 2009.

VIGOTSKY, Lev S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs). **Leitura**: Perspectivas Interdisciplinares. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.